

Correio das Artes

ANO
LXXV

Nº
10



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Suplemento
literário
do Jornal A União
Dezembro
2024

Chico Pereira

Aos 80 anos, um dos mais respeitados
artistas visuais da Paraíba consolida a
sua obra entre fragmentos e sonhos



Gráfica

A UNIÃO

Excelência
além da
primeira
impressão.

Solicite seu
orçamento!

Telefone:
(83) 3218-6525



EPC
EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

Um atualizador do que se passa no mundo

Há uma série de caminhos bifurcados, sem saber qual o “certo” a se tomar. Porém, com um objetivo: sempre ir em frente. Essa é a trajetória do paraibano Chico Pereira. Artista visual, escritor, professor, gestor cultural e divulgador da arte realizada no estado. Ou, nas palavras do curador Dyógenes Chaves, “um guardião da memória cultural da Paraíba dos últimos 60 anos”.

Inquieto, rebelde, vanguardista e de bom coração, Chico flertou com o melhor da Nona Arte, nas páginas do *Príncipe Valente*, a longeva saga nos tempos do Rei Arthur de Hal Foster, cuja arte figurativa foi atraída pela *pop art*, transitando por várias técnicas e inspirações.

A obra de Chico Pereira, ao longo das décadas, foi vista em eventos nacionais e internacionais, instituições públicas e privadas, exposições coletivas e individuais. Também não se contentou com as quatro paredes de uma galeria: seus murais, espalhados pelo estado, são sinônimos de arte democrática, em cartaz *ad aeternum*, para todos os públicos passantes. “Um atualizador do que está se passando no mundo”, segundo a definição do artista visual Flávio Tavares.

Imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), ele contribuiu com diversas publicações,

A obra de Chico Pereira, ao longo das décadas, foi vista em eventos nacionais e internacionais, instituições públicas e privadas, exposições coletivas e individuais

com livros voltados às áreas de museologia, história da arte, arte-educação, semiótica e artes gráficas.

Chico também participou dos movimentos culturais nos “anos de chumbo” quando jovem, bem como foi o primeiro diretor do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac), em Campina Grande, e fundou e coordenou o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, em João Pessoa. Atualmente, seu desafio está sendo à frente do Museu de História da Paraíba, que irá funcionar no prédio do Palácio da Redenção, antiga sede do Governo do Estado.

Encerramos o ciclo de 2024 com um artista plural e experimentador. Chico, que completou 80 anos neste derradeiro mês, “tem muitas características, mas seguramente a sua generosidade é a mais importante”, como foi atestado pelo amigo-irmão Raul Córdula.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garceza de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

**Correio
das Artes**

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio
Diagramação

Bruno Chioffi
Arte da capa

Tônio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 3218-6500 (RAMAL 08)

índice

16 / diálogo

Com base na mesa-redonda apresentada na FliParaíba, realizada no mês passado, em João Pessoa, Neide Medeiros fala sobre a “Pluralidade e diversidade como pilar para um futuro descolonizado”

19 / música

Retratando o fim de um romance, confira a análise da canção “Pedra”, do alagoano Djavan, lançada no 18º disco do cantor e compositor, ‘Matizes’ (2007)

22 / resenha

João Batista de Brito conta como a premiada escritora paraibana Marília Arnaud pinta as palavras na sua mais recente obra, ‘Esboço em pedra e sonho’

28 / juvenil

Escritor paulista Álvaro Cardoso Gomes traz ‘O contador de histórias’, uma biografia romanceada do escritor escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894), da clássica obra ‘A ilha do tesouro’ (1883)

30 / relato

Abdel Rahman Abu Hwas, palestino que vive há mais de três décadas no Brasil, conta sobre as lutas de resistência, as dores e as esperanças de um povo

36 / memória

Hildeberto Barbosa Filho aponta como o jornalista Sérgio Botelho redescobriu o rosto cicatrizado de sua cidade natal em ‘Memórias da Cidade de João Pessoa’

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Chico Pereira,

o artista dos “mil instrumentos”

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Chico, apelido atribuído comumente aqueles batizados de Francisco e que, no imaginário popular, representa muitos trabalhadores anônimos espalhados Brasil afora. Mas estamos falando de um Chico que, sim, um dia lidou como operário de manutenção de máquinas e motores. Como ele bem diz, “teve as mãos sujas de óleo e precocemente calejadas”. Esse paraibano ainda perdeu o pai aos 16 anos e, a partir daí, precisou sustentar o lar onde moravam a mãe, jovem viúva, e uma prole de sete irmãos; drama que poderia se encaixar na vida de muitos Chicos sofredores. Mas, não tardou para Francisco Pereira da Silva Júnior, mais conhecido como o artista visual Chico Pereira, sair da invisibilidade e dar novas guinadas a sua trajetória. Há muito, seu nome é sinônimo de talento, inspiração e referência na cultura da Paraíba e até fora dela. Foi professor, gestor cultural, divulgador da arte fora do estado e eternizou seus traços e formas na arquitetura do estado.

Desde as primeiras
inspirações artísticas,
o paraibano não se
prende a apenas um
suporte, passando
por diversas outras
técnicas: um verdadeiro
guardião da memória
cultural da Paraíba

Artista visual verifica as reproduções de seus
murais na exposição 'A arte de Chico Pereira na
Arquitetura', mostra que adiantou a celebração
de seus 80 anos, que ficou em cartaz em maio,
na Usina Energisa, em João Pessoa

As reviravoltas na vida do paraibano foram muitas e a sua história de 80 anos, idade completada no último dia 22, foi construída sem qualquer programação, pois muitas vezes as oportunidades que lhe chegavam tinham de ser abraçadas mais por necessidade do que por escolha.

“Sonhos acontecem quando acordamos. São desejos que vamos construindo ao longo da existência, boa parte accidental — ou incidental —, enquanto soma de fragmentos que vão se juntando, pedaço por pedaço, formando uma espinha dorsal da qual chamamos de vida pessoal. Hoje, rebobinando o meu filme existencial, eu me vejo lá no passado, cheio de sonhos marcados por acontecimentos banais, mas, às vezes, trágicos” afirmou Chico Pereira.

Assim, disposto a seguir a jornada enfrentando cada circunstância que o destino lhe trazia, ele rumou por diferentes caminhos, que inexplicavelmente culminaram com o universo da Educação e da Cultura, sua parada derradeira na carreira. Chico atuou como museólogo num tempo em que o cargo não exigia diploma específico para a função, apenas competência e inclinação; capacitou-se e aperfeiçoou sua arte em cursos específicos na academia; foi mestre, criou projetos pioneiros, tornou-se escritor e, desde 2016, ocupa a cadeira de nº 15 da Academia Paraibana de Letras (APL).

O aniversário das oito décadas de vida de Chico foi comemorado na casa de uma filha, no Bairro dos Estados, na capital paraibana. Para o encontro, foram convidados familiares e alguns amigos. O artista revelou que iria pintar uma obra para expor, especial-



FOTO: LEONARDO ARIEL

Folheando as panchas dominicais do ‘Príncipe Valente’, HQ clássica do canadense Hal Foster (1892-1982) e uma das primeiras inspirações artísticas de Chico Pereira

FOTOS: LEONARDO ARIEL



Em sua residência, no bairro de Tambiá, na capital, Chico mostra sua coleção de discos de vinil de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Os Mutantes, além do antológico ‘Tropicália’

mente, para o evento.

“Só hoje, aos 80 anos, é que tenho uma noção mais exata do que realmente sou, muito mais fruto de ocasiões e do imponderável do que uma vida pretensiosamente programada. Caminhos bifurcados que fui trilhando, sem percepção de onde iria chegar, mas indo sempre adiante”.

Seguindo sempre em frente, o ex-Chico operário consolidou-se como um profissional multifacetado, que teve as primeiras inspirações artísticas nas páginas das histórias em quadrinhos — tendo como uma das preferidas as aventuras do *Príncipe Valente*, clássico do canadense Hal Foster (1892-1982); o paraibano guarda, inclusive, uma edição especial da obra, referente ao ano de 1938, que foi relançada pela editora Planeta DeAgostini mais recentemente. “Daí o porquê da minha arte figurativa, desde cedo, ter sido atraída pela *pop art*, notadamente a norte-americana que, por estar tão próxima dos quadrinhos, é uma constante na minha produção”.

Esse campinense, radicado em João Pessoa, não se prendeu a apenas um suporte ou a uma técnica, ele é acima de tudo um experimentador. Assim, transita do desenho à pintura, da *assemblage* à fotografia, passando por colagens, objetos e instalações, grafismos, figurativismo e abstracionismo. Exerce, como ele próprio afirma, a atividade de forma cíclica, pois não é um produtor diário, fato que não minimiza sua vasta produção iniciada há mais de 60 anos. A obra reunida ao longo de décadas foi contemplada em eventos nacionais e internacionais, instituições públicas e privadas, exposições coletivas e individuais, tornando-se pul-



FOTOS: EDSON MATOS/ARQUIVO A UNIÃO

Para o artista visual Flávio Tavares, Chico é um profissional plural, homem de bom coração e “formador de opinião de uma estética nova”



Curador Dyógenes Chaves destaca a produção de Chico como muralista, que evoca o teor da perenidade e a democratização da arte



Segundo o artista visual Raul Córdula Filho, o seu contemporâneo é um “artista da modernidade” e uma fonte de inspiração para os iniciantes

sante e admirada até os dias atuais.

“Vejo Chico como um artista plural e, ao mesmo tempo, um formador de opinião de uma estética nova, um atualizador do que está se passando no mundo. Ele circula entre o artista plural e o de bom coração. Não conheço ninguém que não goste dele, pois é uma pessoa amável”, frisou o artista visual Flávio Tavares.

Os dois são amigos de longa data e se conheceram nos corredores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o terceiro integrante do grupo, o artista visual Raul Córdula Filho. O trio circulava entre Campina Grande e João Pessoa e, quando Chico Pereira tornou-se diretor do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac), em Campina Grande, foram trocando cada vez mais ideias.

O apreço que Chico Pereira desperta em quem o conhece também é citado por Raul Córdula, que ainda comenta como o companheiro octogenário se tornou fonte de inspiração para os artistas iniciantes. “Principalmente a influência que teve em seus alunos universitários, mas também sobre jovens artistas de João Pessoa e de Campina Grande. Por sua simpatia e eloquência, Chico cativa a atenção de todas as pessoas. Ele tem muitas características, mas seguramente a sua generosidade é a mais importante. Eis aí um artista de 80 anos lúcido e trabalhador, que muito orgulha por onde tem passado e deixado seu charme. Viva Chico Pereira!”, enfocou Raul.

Já Flávio Tavares, ao analisar a produção do amigo, declarou que a arte de Chico Pereira é permeada por influências do modernismo, no sentido de ser

vanguardista. “A arte de Chico é uma arte rebelde. Nem sempre ele penetra num mercado consumista, vamos dizer assim, decorativo. A linguagem dele é mais intelectual, mais exigente. Não que ele queira ser exigente, discriminando um ou outro público, mas porque essa é a verdade dele, que é uma coisa mais séria”.

Seriedade também foi a palavra usada por Raul Córdula para descrever o trabalho do paraibano, pessoa que ele considera mais do que um amigo. “Nos conhecemos em Campina Grande, no início da década de 1960. Somos campinenses. Ficamos amigos logo, considero ele meu amigo-irmão. Acho sua arte muito séria, apesar do humor crítico”, salientou.

Para Raul, o conterrâneo é um “artista da modernidade, numa época de passagem para a *rate* contemporânea”. “É um excelente pintor. Existe em sua pintura — e desenho — sempre uma expressão de saudável ironia, sua principal característica. Mas, como acontece com todos os artistas, há fases, ou melhor, várias direções causadas por seus aspectos emocionais e/ou políticas”, completou.

Tema: pandemia

O olhar de Chico Pereira diante do mundo está expresso nos desenhos e pinturas: fatos do cotidiano da sociedade, suas inquietudes e criticidade são alguns dos elementos perceptíveis nos seus trabalhos. A pandemia da Covid-19, um dos momentos mais impactantes da história recente, foi registrado pelo artista campinense em sua obra. A imagem icônica do vírus divulgada na imprensa e em materiais informativos desde aquela época (uma esfera coberta por espículas) pode ser vista em

várias pinturas desse trabalho iniciado há cerca de quatro anos. O ícone do novo coronavírus, tão popularizado desde então, às vezes ganha forma de flores que enfeitam um campo esverdeado ou formam grinaldas fúnebres, em homenagem às vítimas da doença.

Há quadros em que ele adiciona aspectos da ficção científica. Isso porque, desde a década de 1970, o artista costuma desenhar foguetes e naves espaciais devido às influências das produções televisivas e cinematográficas de ficção científica, como o filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, dirigido por Stanley Kubrick (1928-1999). Neste conjunto de obras, cuja temática é a pandemia, ele mistura esses elementos. Em uma das pinturas, há o desenho de

um foguete se aproximando da Terra tendo, mais adiante, um cinturão formado por coronavírus.

Nos meses de isolamento social, ele ainda atentou para a significação do morcego, hospedeiro do coronavírus. Um dos quadros mostra um desses mamíferos em formato agigantado, envolvendo o planeta. A China, país que se tornou o epicentro da doença, não poderia deixar de figurar nas pinturas de Chico. Além de estar presente em cenas que mostram a Muralha da China, a nação asiática é representada por meio de pontos comerciais situados em ruas urbanas desertas, fazendo alusão ao período de *lockdown* vivido nessa época.

Nesse caso, a presença da comunidade chinesa tem uma

FOTO: LEONARDO ARIEL



Algumas obras produzidas no isolamento social: as covas dos milhares de brasileiros mortos e a significação do morcego, hospedeiro do coronavírus



FOTOS: LEONARDO ARIEL

Outros exemplos das pinturas de Chico Pereira, que são permeadas por influências do modernismo, no sentido de ser vanguardista, sendo também muito séria, apesar do humor crítico

dupla interpretação. “Além de ser o local onde a doença surgiu, a China está dominando o mundo, se capilarizando em todas as economias, como um vírus”, destacou Chico e completou: “Não me preocupo com ideologias políticas no meu trabalho, mas com o contexto em que estou vivendo”.

Ao comentar sobre o que sua obra transmite, o paraibano conta que ela reflete as inquietações, volúpias, experimentações, dúvidas e aparentes certezas. “Tentam dizer, por trás dessas coisas, intimidades a serem decifradas. Ou, em diferentes instantes, colocar explicitamente no mundo coisas que, se não fosse por meio da arte, não exporia, jamais”, completou.

Arte democrática e perene

Um dos destaques da obra

do artista visual radicado em João Pessoa são os painéis e murais, presentes nas ruas e em áreas de visitação pública de cidades paraibanas. Esse aspecto da produção de Chico Pereira evoca o teor da perenidade e a democratização da arte, pois pode ser vista, gratuitamente, pela coletividade, como enfoca o artista visual, curador e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Dyógenes Chaves.

“Das obras de Chico, as que mais me chamam a atenção são os murais, porque são trabalhos que ficam para a eternidade e, por estarem nas ruas, têm acesso democrático. Dessa forma, você não precisa ser dono da obra, ou ir a um museu para ter acesso, pois ela está à disposição de qualquer pessoa”, enfocou Dyógenes que, além de amigo, também é curador de diversas exposições do artista campinense.

Segundo ele, a relevância dessa produção ainda não foi devidamente dimensionada no circuito cultural. “Talvez agora, com as comemorações dos 80 anos dele, a obra muralista comece a ser, de fato, reconhecida, principalmente pela população”.

Entre os destaques desse trabalho de Chico, ele cita a *Varanda de Rede*, um painel de cobogó instalado na Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes, na orla pessoense. A obra, antes de ser criada, foi apresentada ao ilustre arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) durante a construção da Estação Cabo Branco, cujo projeto arquitetônico o próprio Niemeyer assina. “Quase ninguém sabe que o mural é de autoria de Chico Pereira, com a autorização, eu diria, de Oscar Niemeyer. Para mim, essa é a obra que mais se destaca na arte muralista dele”.

Arquitetura

Um conjunto de sua produção formada por murais e painéis foi mostrado, em maio deste ano, na exposição *A Arte de Chico Pereira na Arquitetura*, que trouxe também peças em molduras e telas. O projeto, realizado na Usina Energisa, em João Pessoa, recebeu o público até o final de maio e marcou, com antecedência, as comemorações do aniversário de 80 anos do artista.

Apesar de não ser fiel ao tamanho do trabalho real, os murais e painéis foram representados por meio de fotografias ampliadas, dando uma ideia da dimensão das obras originais. Na ocasião, o público pôde conferir quatro painéis: *Tropicália*, criado em 1969, na biblioteca da Faculdade Estadual da Paraíba (UEPB); o painel do Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado, criado no prédio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

(Senai), de Campina Grande (esse trabalho traz elementos do Sertão — como vaqueiros e cactos); a obra *Varanda de Redes*, na capital; além do painel do Parque Ecológico de Bodocongó, também em Campina, que faz referência à história da cidade. Esse trabalho apresenta momentos históricos da trajetória da Rainha da Borborema, como a Revolta do Quebra-Quilos (no século 19), a chegada da energia elétrica e do automóvel.

O curador da exposição comemorativa foi Dyógenes Chaves. Segundo ele, a variedade de conhecimento e técnicas que o amigo possui o torna um multiartista. “Chico fez fotografia do mesmo jeito que fez vídeo, que fez pintura. É um excelente pintor e exímio desenhista. Desde as primeiras exposições, ele tinha o desenho como referência. Fez ainda instalações, intervenções urbanas e, principalmente, murais. Ainda escreve, foi professor, pesquisador e

gestor. Chico é aquela coisa dos mil instrumentos, acumulador de informações, é um guardião da memória cultural da Paraíba dos últimos 60 anos”.

Não são apenas informações que o artista acumula. Em sua residência, no bairro de Tambiá, em João Pessoa, ele guarda inúmeros objetos que fizeram parte da sua história como antigas máquinas fotográficas, fotografias e discos de vinil de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Os Mutantes.

Filho da Guerra Fria — fragmentos que consolidaram o homem e a profissão

Chico Pereira é um ser, humano e profissional, constituído das experiências vividas em diferentes áreas do conhecimento e, ao observarmos cada uma de forma isolada, seria difícil conceber que convergiriam em algum ponto. No entanto, conscientemente ou inconscientemente, cada aprendizado serviu de degrau para ele

FOTO: ARQUIVO PESSOAL/CHICO PEREIRA



atingir novos horizontes, até se consolidar como artista visual e construir sua identidade.

Decerto, a vocação para o desenho e pintura, demonstrada desde cedo, deu a ligar rumo à trajetória artística. Porém, alguns fatos que constam na sua vida nos parecem, à primeira vista, totalmente dispensável. Um exemplo foi a formação técnica em mecânica de manutenção, concluída aos 15 anos de idade, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Ela não o colocou no universo das tintas e pincéis, capacitando-o para ser operário de fábrica. “Provavelmente, de forma inconsciente, era desejo do meu pai, da velha guarda do Partido Comunista, que seu primogênito sentisse na própria carne as agruras da classe operária, e, quem sabe, no futuro, vir a ocupar um lugar de destaque na hierarquia da futura revolução socialista que um dia chegaria ao Brasil. Sou, de certa forma, um filho

da Guerra Fria”.

Porém, foi a mecânica que o levou à prancheta de desenho técnico, exercício que viveu por mais de 20 anos e que ainda hoje exercita manualmente, já que não domina — nem procurou aprender — as tecnologias digitais, apesar de usá-las, permanentemente, por meio da ajuda de terceiros — os filhos, Rafael e Raquel, seus “servidores” domésticos.

Também foi o desenho técnico que o conduziu à museologia. “Fui requisitado, em 1967, para desenhar o plano de ocupação do prédio da então reitoria da Universidade Regional do Nordeste — Urne (atual UEPB), para a instalação do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac); Campina Grande foi uma das cidades escolhidas por Assis Chateaubriand destinadas a ter um museu, dentro da Campanha Nacional de Museus Regionais, por ele criada”, explicou o artista.

Dois anos após o convite, em

1969, Chico Pereira assumiu a direção do Maac como segundo diretor da história da instituição — o primeiro foi Raul Córdula Filho. A partir daí, as portas de uma vasta agenda cultural abriram-se para o paraibano, por meio de encontros, congressos, cursos e oficinas. “Levando-me a entender que museu era algo mais avançado do que imaginava, uma cultura específica, uma ciência e uma atividade comprometida, já naquela época, com a educação e com a cidadania, com normas e condutas que foram se aperfeiçoando e exigindo cada vez mais especialização e formação específica. Sem querer, me transformei num museólogo *ad hoc*, como tantos outros dessa geração, quando não se exigia um diploma legal”, enfocou.

Daí por diante, como afirmou Chico, “tudo se misturou e se juntou num mesmo pacote; de repente, professor, pesquisador e escritor, passando pelos bancos universitário das Ciências Sociais, da Comunicação Social, da Filosofia, pulando de um curso a outro sem concluir e me tornando um notório saber para facilitar a criação de novíssimos cursos que não dispunham de mestres para tais finalidades”.

Fato semelhante ocorreu com as artes plásticas, com passagem em uma escola de ensino acadêmico que, no mínimo, contribuiu para o domínio da técnica do desenho, servindo para o “ingresso nas artes gráficas, numa época em que nem se imaginava haver imagens e paletas digitais, quando tudo era feito à mão”.



Painel do Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado, criado no prédio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), de Campina Grande

Pioneirismo da Equipe 3

A ousadia não é uma qualidade rara de se ver no cotidiano de qualquer jovem. Na história de Chico Pereira, esse elemento não ficou ausente. Em 1966, com Anacleto Eloi de Almeida (desenhista de arquitetura e aluno de Belas Artes, na Universidade Federal de Pernambuco — UFPE) e Eládio Barbosa (estudante de engenharia da Escola Politécnica, atual UFCG, e funcionário do Banco do Brasil), ele criou o grupo Equipe 3, ou Grupo 3, como alguns costumam chamar.

Tratava-se de uma espécie de irmandade formada entre os jovens campinenses engajados nas artes visuais, ansiosos por despontarem no mercado com sua arte e experimentos. Compartilhavam conhecimentos, se organizavam em mostras coletivas, viagens, enfim, trocavam experiências e, cada um a seu modo, impulsionava a carreira de si e do outro. “Nesse mesmo ano da criação da equipe, fizemos um *happening* numa galeria de arte do Clube dos Estudantes Universitários, em Campina Grande, localizado às margens do Açude Velho, que causou uma grande celeuma estética e política”, recordou Chico.

Na inauguração do evento, foi montado um cenário inovador e, porque não dizer, arriscado naqueles anos de Ditadura Militar. Com o ambiente às escuras, o público presenciou a entrada dos expositores “elegantemente uniformizados e usando máscaras carnavalescas de gorilas”, efetuando, para o alto, disparos com revólveres calibre 38, com cartucho de pólvora seca. “Acesa as luzes, lemos um manifesto sobre as razões da nossa arte, depois

distribuídos aos presentes. Foi um pandemônio depois, evidentemente acalmado. Estava no auge da Ditadura Militar”, revelou o paraibano.

Imersão pelo Brasil

As aventuras da Equipe 3 também ocorreram longe da Paraíba, quando Chico Pereira e os demais integrantes do grupo romperam o ano na estrada, viajando de ônibus. Eram vários os destinos brasileiros. Foram para Minas Gerais, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. A viagem proporcionou uma imersão na arte exposta nos estados onde fervilhava cultura. “Vimos do Barroco do interior de Minas à Pampulha, em Belo Horizonte; a nova moderníssima e ainda nascente Capital Federal, implantada na solidão do Planalto Central do Brasil; o ainda charmoso e belo Rio de Janeiro marcado pela modernidade do edifício Gustavo Capanema; o Museu de Arte Moderna e as sinuosas curvas do novíssimo aterro do Flamengo. Em seguida São Paulo, ainda com a sua garoa”, frisou.

Em plena Ditadura Militar, foi criada a Equipe 3, irmandade de jovens campinenses engajados nas artes visuais e ansiosos por despontarem no mercado

Segundo ele, o *tour* serviu como um curso intensivo sobre a arte brasileira e internacional devido aos passeios em museus, galerias e salões, culminando com a visita a 9ª Bienal Internacional de São Paulo, reunindo à época as maiores expressões da arte mundial. Quando retornou a Campina Grande, Chico contou que trouxeram “o mundo” em suas cabeças. “Daí, talvez, a arte da Equipe 3 ser o que melhor representa, historicamente, o pioneirismo da vanguarda artística na Paraíba. Sem saber, já éramos vanguardistas em nossos desejos e experimentações, apenas confirmamos”.

Causa pública versus arte

O artista visual Francisco Pereira da Silva Júnior, nascido em 22 de dezembro de 1944, em Campina Grande, tem um vasto currículo na história da cultura e educação da Paraíba. Além de pesquisador da história da arte e da cultura popular, professor aposentado do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ele ainda integra instituições nacionais e internacionais.

Entre as quais estão a Associação Internacional de Artes Plásticas (AIAP), o Conselho Internacional de Museus (Icom), a Associação Brasileira de Educação Através da Arte (Sobreart) — onde foi membro-fundador — e a Associação Brasileira de Críticos de Arte-ABCA, segundo registros da Academia Paraibana de Letras (APL).

Na UFPB, além de professor, ele pôde explorar grande parte do seu potencial como gestor e artista. Foi nessa instituição que implantou o Núcleo de Arte Con-

Imortal da
Academia
Paraibana de
Letras (APL), uma
das principais
obras de Pereira
é 'Paraíba –
Memória Cultural'

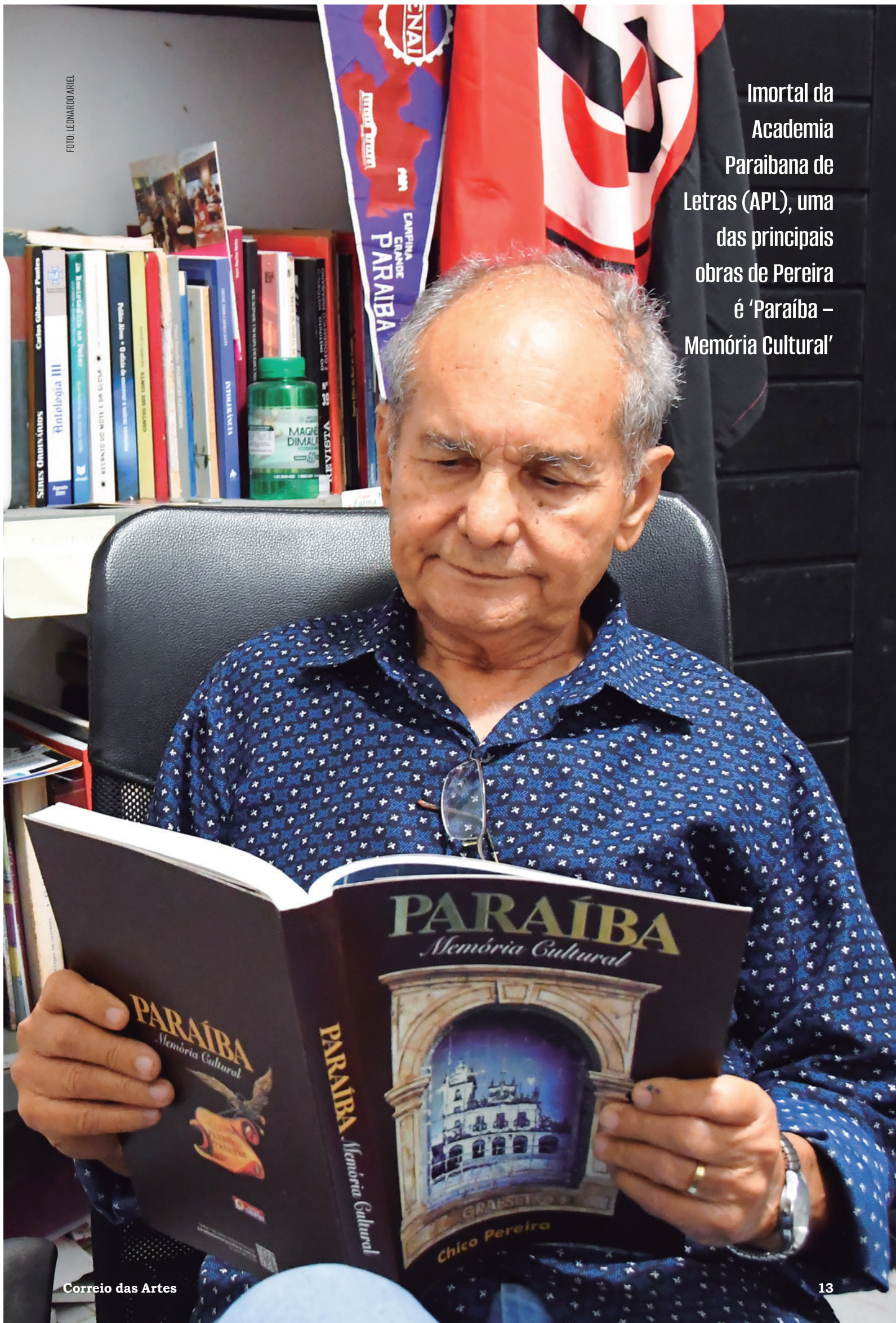


FOTO: ARQUIVO NAC-UFPB



Prédio do Núcleo de Arte Contemporânea (imagem maior), na capital; na inauguração do NAC, (ao lado, da esq. para dir.) Raul Córdula, Chico Pereira, Silvino Espínola e Anna Maria Maiolino; em Campina Grande, fachada do Museu de Arte Assis Chateaubriand (acima)



FOTO: JULIO CEZAR PERES



FOTO: ARQUIVO NAC-UFPB

temporânea (NAC), local onde atuou como coordenador.

A empreitada começou em 1976, quando Chico Pereira, com pouco mais de 30 anos, recebeu o convite do recém-empossado reitor na época, o professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, para colaborar com a sua administração junto a uma equipe de assessores. Integrava o grupo, entre outros nomes, Ariano Suassuna.

A missão de Chico era abrir espaços na universidade para ações relacionadas às artes visuais. Nesse contexto, ele ficou responsável pelos projetos que tinham a finalidade de captar recursos destinados aos núcleos de cultura e arte ligados à Pró-reitoria para Assuntos Comunitários (Prac) e aos diferentes departamentos ligados a essa área.

Entre as iniciativas propostas estava o Núcleo de Arte Contemporânea. “O NAC foi o que mais estive empenhado, desde as ideias iniciais para sua criação, que me dei-

xou enormes influências para compreensão da arte, até hoje me fascinando”, frisou Chico e acrescentou: “Contamos para esse intento com a presença de três personagens fundamentais, sem as quais o NAC não teria alcançado a dimensão e a importância que teve. Antônio Dias, paraibano de Campina Grande, à época residindo na Europa, que desde muito jovem vinha desenvolvendo uma carreira de prestígio internacional; Raul Córdula Filho, outro campinense que desde o início dos anos de 1960 já estava à frente do panorama da arte paraibana, naquele período residindo no Rio de Janeiro; e Paulo Sérgio Duarte, também paraibano, de João Pessoa, crítico de arte, que estava na Europa, mas que se dispôs vir à Paraíba acompanhando Antônio Dias”, contou.

Segundo Chico Pereira, outros artistas, professores e pesquisadores se juntaram ao NAC, entre eles o escultor Breno Mattos, o poeta Sérgio de

Castro Pinto e o sociólogo Silvino Espínola. O núcleo transformou-se numa referência da arte contemporânea no Brasil e um espelho para a universidade brasileira, já que não se tratava apenas de um espaço expositivo, mas de um lugar de investigação, problematização e discussões sobre o pensamento e o fazer artístico.

Nos quatro anos de reitorado do professor Lynaldo Cavalcanti, o NAC trouxe destacadas personalidades do pensamento e da arte brasileira e internacional, entre eles Mário Pedrosa, Cildo Meireles, Mário Barata, Artur Barrio, Anna Maria Maiolino, Mary Feldstein, Tunga, Claudio Tozzi, Miguel Rio Branco, Paulo Bruscky, Roberto Burle Marx e Rubens Gerchman, só para citar alguns exemplos.

Junto a outros artistas locais e ao público frequentador deste ambiente cultural, o NAC se tornou um espaço para discussões culturais cujo legado, segundo Chico, ressoa no pano-

rama da arte brasileira. Essa foi apenas uma das missões do paraibano que, por dois períodos, ocupou a função de vice-presidente executivo do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba e de subsecretário de cultura no governo José Maranhão; ainda assumiu o cargo de Pró-Reitor de Cultura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Quando tinha pouco mais de 20 anos de idade, ficou à frente da diretoria do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac).

Além de pintar e desenhar, Chico publicou livros, plaquetes, ensaios e artigos. Entre as suas obras, vale destacar o livro *Paraíba – Memória Cultural*, que descreve a trajetória histórico/cultural do estado. A produção escrita do paraibano é reconhecida por muitos profissionais da área, um deles é

Raul Córdula. “Nas letras e na pesquisa, Chico é autor de textos especializados em arte e de uma importante história da arte na Paraíba”.

Tantas ações concretizadas ao longo da carreira, fez com que o paraibano se dividisse entre a área artística e a pública, sem ter a real noção da importância de suas ações para o estado e o país. “Dividido entre a causa pública da cultura e as artes, para mim, talvez, a precocidade tenha contribuído para levar tudo aquilo como uma permanente diversão. Não tinha a dimensão exata do meu trânsito nas entranhas do poder. Tudo parecia ser por dentro uma coisa normal. Hoje é que tenho a dimensão exata dessas histórias vividas, testemunha que sou de importantes acontecimentos da cultura local

— e até nacional —, constituindo-me numa memória acumulada de lembranças”, declarou.

Chico Pereira afirmou que, apesar de uma longa carreira, não se vê como “um artista completo, mas fragmentado”, uma vez que sempre esteve dividido entre as artes e o serviço público da arte. “Mas, quando vi, recentemente, a instalação de uma exposição sob a curadoria de Dyógenes Chaves, realizada na Usina Cultural Energisa, em maio deste ano, sobre a minha obra para a arquitetura, produzida com diferentes técnicas, num período de mais de 50 anos, compreendi que boa parte do que fiz está servindo para me convencer de que não foi em vão ter permanecido artista. Pois nisso, mantive uma coerência e uma atualidade no panorama da arte”.

Museu de História da Paraíba: novo desafio

A ligação de Chico Pereira com a arte e área pública permanece. Atualmente, o artista está coordenando a implantação do Museu de História da Paraíba que irá funcionar no prédio do Palácio da Redenção, antiga sede do Governo do Estado. O espaço passou por restauração, que está em fase de finalização. A previsão da abertura para visitação é 2026.

Os investimentos superaram os R\$ 10 milhões e, segundo Chico, o ano de 2025 será dedicado à organização do espaço e restauração das peças como mobiliário e outros itens. “A própria existência do museu, os quadros, móveis, prédio, já é um testemunho da história da Paraíba”, frisou.

Os serviços são uma inicia-



FOTO: ROBERTO GUDES

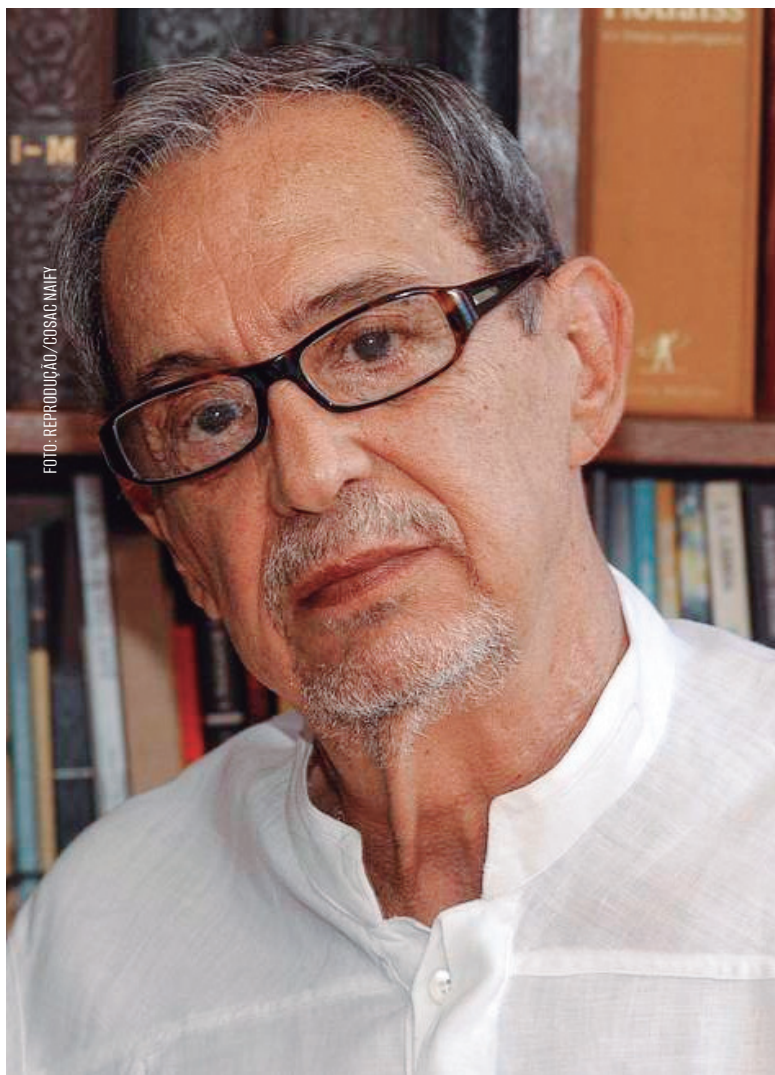
tiva do Governo do Estado por meio da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan). A edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), por meio do decreto-lei nº 8.638, e possui dois pavimentos, com 3.074,80m² de área construída.

Museu de História da Paraíba, que irá funcionar a partir de 2026, no prédio do Palácio da Redenção, antiga sede do Governo do Estado, em João Pessoa

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal A União e repórter do ‘Correio das Artes’. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



Bibliotecária e educadora colombiana Silvia Castrillón, autora dos livros 'O direito de ler e de escrever' e 'Biblioteca na escola'



Escritor e educador mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), autor de mais de 60 livros para crianças e jovens

Educação

como pilar do futuro
descolonizado

Neide Medeiros Santos
Especial para o *Correio das Artes*

Para refletir a “Educação como pilar do futuro descolonizado”, trago o pensamento de dois escritores e educadores da América do Sul — o brasileiro Bartolomeu Campos de Queirós e a colombiana Silvia Castrillón. Acrescento um terceiro nome, o do poeta e ensaísta colombiano, William

**Pensamentos
de escritores e
educadores da
América do Sul
que sonham com
um futuro melhor
e mais humano**

Ospina, que escreveu uma espécie de “Carta para o futuro” dentro de uma linha emancipatória.

Bartolomeu é escritor e educador, autor de mais de 60 livros para crianças e jovens. Partiu em 2012, mas deixou um legado inestimável para a literatura brasileira, que abrange as letras e a educação. Na Feira Literária de Paraty, em 2009, lançou o *Manifesto por um Brasil Literário*. Nesse texto, publicado há 15 anos, ele reconhece como princípio básico o direito de todos participarem da produção literária. Vamos expor algumas de suas ideias:

- Alfabetizar-se, saber ler e escrever são condições necessárias para a profissionalização, obtenção de um emprego e a escola surge como o espaço necessário para instrumentalizar o sujeito e facilitar seu ingresso no trabalho. O avanço das ciências humanas leva homens e mulheres à necessidade de manifestar e dar corpo às capacidades inventivas;
- No mundo da ficção, existe o encontro do homem com a liberdade de pensamento. É na literatura que se viaja por outro mundo possível, sem preconceitos. A literatura nos acolhe sem ignorar nossa incompletude. É também a literatura que democratiza o saber, que oferece possibilidades de criar, imaginar, recriar, romper o limite do provável. Ela é capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre

o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o que estar por se conhecer. É mãe acolhedora que concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo. A metáfora literária abriga as experiências do leitor e não ignora suas singularidades;

- Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança;
- Possibilitar o encontro dos jovens com o texto literário deve ser a meta de todos os espaços por onde circula a infância. Os espaços que têm a literatura como objeto central promovem uma sociedade leitora. Um projeto literário é uma ação política que permite sonhar com um País mais digno, sem as peias do colonialismo.

Um movimento literário não passa a existir de repente, ele é feito de pessoas e organizações com propósitos semelhantes, experiências e desejos que se irmanam, mas comporta a diversidade, o que muito o enriquece.

A bibliotecária e educadora colombiana Silvia Castrillón, autora dos livros *O direito de ler e de escrever* (Pulo do Gato, 2011) e *Biblioteca na escola* (Pulo do Gato, 2024) vem desenvolvendo um trabalho com livros, leitura e educação que merece registro. Foi consultora de organismos inter-

nacionais como Unesco, OEA e ONU. Ela acredita que uma biblioteca e uma escola são imprescindíveis na construção de um país.

Recentemente, na Feira do Livro, em Bogotá, propôs que o Manifesto Literário de Bartolomeu Campos de Queirós fosse assinado pelos países latino-americanos membros do Cerlac — Centro Regional para o Fomento do Livro da América Latina e do Caribe —, convicta de que a formação literária das crianças e jovens é uma formação humana, ética, política e cidadã. A respeito da função estética da literatura, Castrillón afirma que é a estética que dá validade à ética e permite, sem manipular a sensibilidade do aluno, a construção do conhecimento, a reflexão e o questionamento dos valores sociais e ideológicos.

No texto *Ler e conversar*, apresentado nas Jornadas de Formação: encontro de leitores e mediadores da leitura, Silvia Castrillón elencou cinco regras básicas que possibilitam uma conversação sobre boas leituras. São elas:

- Dar às crianças e aos jovens bons e belos livros, bem escritos e com temas que mobilizem o pensamento e a reflexão, que comovam o leitor. O segredo é não ter medo de conversar sobre os temas tratados por esses livros;
- Respeitar a palavra do interlocutor;
- Ter mais experiência do que as crianças não significa que elas não sejam profundas e atentas, e que não nos surpreendam com suas intervenções;

- Reconhecer que a palavra é o centro da conversação, mas que essa também está sujeita a intervenções e é fonte de gestos, silêncios, sorrisos, olhares, lágrimas.

Sílvia acredita que uma escola e uma biblioteca são imprescindíveis na construção de um país. Sua luta tem sido em prol de práticas educadoras descolonizadoras.

Não poderia deixar de citar William Ospina, poeta e ensaísta colombiano que, de forma muito poética, escreveu um texto que é uma espécie de Carta para o Futuro. Aqui vão excertos desse bonito texto:

[...] Sonho com um país que fale de desenvolvimento para todos e não às custas do planeta, mas pensando também no mundo que gerações futuras habitarão: que quando fale de indústria nacional saiba recordar [...] que por indústria se entendem igualmente os empresários, os trabalhadores e os consumidores.

[...] Um país onde seja impossível haver gente dormindo debaixo das pontes ou comendo lixo nas ruas.

[...] Um país onde os que tenham mais sintam o orgulho e a tranquilidade de saber que os outros vivem dignamente.

[...] Sonho com um país onde o indígena possa não apenas ser indígena com orgulho, mas que, superada a época em que se pretendia educá-lo nos erros da civilização europeia, possamos aprender, com respeito, seu saber de profunda harmonia com o cosmo e de conservação da natureza.

William Ospina sonha com um país que esteja unido espiritualmente com os demais países da América do Sul, com



FOTO: LEONARDO ARIEL

Mesa-redonda “Pluralidade e diversidade como pilar para um futuro descolonizado” realizada durante a edição inaugural da FliParaíba, no mês passado, em João Pessoa

um país que fale do desenvolvimento para todos e não às custas do planeta, mas pensando no mundo que as gerações futuras habitarão.

Sabemos que é um sonho utópico, mas não é proibido sonhar. Esse seria um país ideal, um país que sonhamos, um país sem pobreza extrema, um país em que todos tenham direito à literatura, como já apregoava Antonio Candido, no texto *Direito à Literatura*. Um país em que todos tenham acesso aos livros e às bibliotecas.

Lembro um poema em prosa do poeta Mário Quintana que se coaduna perfeitamente com o direito de sonhar:

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada.

Bartolomeu Campos de Queirós, Silvia Castrillón e William Ospina são pensadores que sonham com um futuro descolonizado. O desejo de uma sociedade livre das peias da colonização alimenta os grandes idealistas e são essas pessoas que ajudam a construir um mundo melhor e mais humano.

(*) Este texto foi apresentado na primeira edição da FliParaíba, realizada no mês passado, em João Pessoa, na mesa-redonda “Pluralidade e diversidade como pilar para um futuro descolonizado”

Neide Medeiros Santos foi professora de Literatura Infantil na UFPB, atualmente é leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Pedrada para fim de um romance

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

A letra da música “Pedra” retrata sobre o fim de um romance, a inveja do eu lírico ao se deparar com a pessoa amada que se foi e o momento em que ele encontra deitada sobre uma pedra: o recomeço querendo estar com quem lhe serve e a vida seguindo em frente. A música está no décimo oitavo disco de Djavan, *Matizes*, lançado em 2007, e marca o período em que o artista cria o seu próprio selo, Luanda Records.

“Pedra”

Djavan

Sede de amor
Febre de anseio
Quase a escuridão
Você partiu, me reduziu,
Amor, me perco em lágrimas
Não mais a vi, desde abril, fui pro mar
E você lá deitada na pedra
Que inveja dessa pedra
O que ficou, eu compreendi
Face àquela visão
O que era amor inda me diz:
Pena que tudo acabe...
um lance novo me despertou
Desde já, só quero estar com quem me serve
E, de resto, serei breve!
Nada fica em pé pra quem se quebra numa paixão
O mundo é vazio
E tudo é só um oco absurdo
Não mais me vejo assim
Tô a pé, mas chego aonde vou
Revê-la só foi ruim
Porque nada me causou
Doeu, me res senti
Quando você me desprezou
Mas hoje estou aqui
Algo como uma flor na pedra
Preste a nascer

IMAGEM: REPRODUÇÃO/LUANDA RECORDS



Décimo oitavo disco do cantor e compositor alagoano, 'Matizes', lançado em 2007 (Luanda Records)

Compreensão da música

O autor faz um jogo de palavras usando a antítese “amor” e “escuridão” com a partida da pessoa amada. Entre essa parte estão os versos “febre de anseio” como uma hipérbole, ou seja, algo exagerado por conta do fim de um amor.

Nos versos seguintes, a personificação do choro é enfatizada com a hipérbole das lágrimas



FOTO: VALÉRIA GONÇALVES/ESTADÃO CONTEÚDO

Escrita por Djavan, a canção personifica a paixão e a inveja diante de uma pedra

mas do eu lírico. Exemplo: “Amor, me perco em lágrimas...”.

Diante do desejo e do amor pela pessoa amada com sua perda, o compositor personifica a paixão e a inveja diante de uma pedra. Exemplo: “E você lá deitada na pedra / Que inveja dessa pedra...”

Para o autor, tudo que ficou ele percebe quando fala do amor, e a hipérbole surge como elemento. Exemplo: “Nada fica em pé pra quem se quebra numa paixão”.

Na visão de Djavan, o fenômeno da natureza surge, porque o mundo se torna sem sentido para ele quando diz “o mundo é vazio”. Mais uma vez, temos a hipérbole sendo usada também nos versos “tudo é só um oco absurdo”.

No final, a gradação é colocada como uma forma de mudar a ordem crescente e decrescente dos versos finais como alguém buscando se firmar. Exemplo: “Tô a pé mas chego aonde vou / Revê-la só foi ruim / Porque nada me causou / Doe, me res senti / Quando você me desprezou”. As palavras “ruim”, “causou”, “ressenti” e “desprezou” se cruzam, em um único sentido para a vida do eu lírico.

O compositor personifica os versos quando diz: “Algo como uma flor na pedra / Preste a nascer”, seguindo em frente com a sua vida.

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

Palavra-Ousadia

Hoje, reitero-me
aos débeis dissabores,
da palavra degustada
sem ousadia.

Ouso dizer-te
em arremate,
que a palavra sem trato
em disparate,
torna-se ao contato
apenas escorregadia.

Ousar é preciso!
A prosódia deve ser degustada,
de entonação ritmada,
deliciosamente sentida...



Não retida ao acaso
do ritmo e da batida,
mas saboreada e lida
nos gestos dos amores
e nas dores já sentidas,
talvez ressequidas
pelos percalços da vida.

Ousar é dizer o óbvio
em alto e bom som,
o que se escondeu nas entrelinhas,
ou no prelúdio do último tom.

Ousar é perpassar os sentimentos não ditos,
da palavra balbuciada sem mérito,
sem sequer investigação
da palavra que morreu feto,
ousadia é não cair no descrédito
por pura empolgação.

Ousar requer critérios
é não a fuga da petulância
que não sossega na alternância
mas na primazia do bom som.

Ousar a palavra com relevância
requer autoridade,
com passos de valentia,

dizer em consonância com a verdade,
e no peito cravar ousadia,
da palavra integridade
que fez ninho perene
e solene moradia.



de Vasconcelos



Palavra-útero

A primeira palavra é útero fecundo,
da dor parida do anseio
num milésimo de segundo,
onde as sílabas se juntam sem receio
do prazer não moribundo.

E bem lá no fundo
da cavidade uterina
da dor Severina
que com sangue fez rima,
e no ovário soltou o último som.

O tom e as notas se fazem,
vasculariza,
e a poesia do órgão muscular preconiza,
e idealiza como a primeira palavra
veio ao mundo.

E em vermelho escarlata
em questões de segundo
anatomicamente fecundo
abruptamente nasce,
desce de uma contração só
a palavra arteira em arremate

Àgape.

Mais uma história brasileira

*Palavras de corpos sem mundo?
relegou-se ao absurdo,
de transformar histórias de resistências
em desprovidas de “glória” por sentença
nesse país (in) Fecundo?*

*Palavras de corpos sem terreno,
apenas semente sem aprimorar,
palavras cujo descrédito
perdeu-se no tédio do não ouvir contar.*

*Palavras mudas pela lei calar
e o hino das senzalas ecoam velas valas
de um tiro a perfilar,
e as escadas tingem-se de vermelho escarlata
nesse disparate da vida do negro calar.*

*E nesse absurdo,
o país mantém-se mudo.
Foi apenas um descuido do policial a mirar.*

*E as vidas de tantas famílias prisioneiras da dor/
cor
Neste infortúnio levam a vida sem sabor.
E a sociedade “dona da verdade”
é Ariana e apenas servil expectador.*

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.





João Batista de Brito
brito.joaobatista2@gmail.com



/ imagens amadas

Palavras que pintam

“Não consigo imaginar a vida sem pintura”, afirma a protagonista de *Esboço em pedra e sonho*. Pois, de minha parte, não consigo imaginar a literatura paraibana e brasileira sem Marília Arnaud. Na verdade, amplio o mapa: já não consigo mais imaginar o mundo sem Marília. Pois é, quase 20 anos atrás, fui profético quando resenhei o seu livro de contos, *O livro dos afetos* (2005), com o título de: *O mundo precisa de Marília Arnaud*, ensaio publicado na revista *Augusto*, do *Jornal da Paraíba*. Agora temos notícia da tradução desse livro para o inglês *The book of affects* (Los Angeles: Ed Sundial House, 2024).

Sem falar que os contos desse mesmo livro têm recebido edições estrangeiras em várias revistas de universidades americanas, como a *Word Without Borders*, a *Asymptote Journal*, a *Massachusetts Review*, a *Columbia Journal On Line*, a *Exchanges Journal*, a *Northwest Review* e a *Michigan Quarterly Review*. Em outras palavras, estamos na presença de uma escritora internacional.

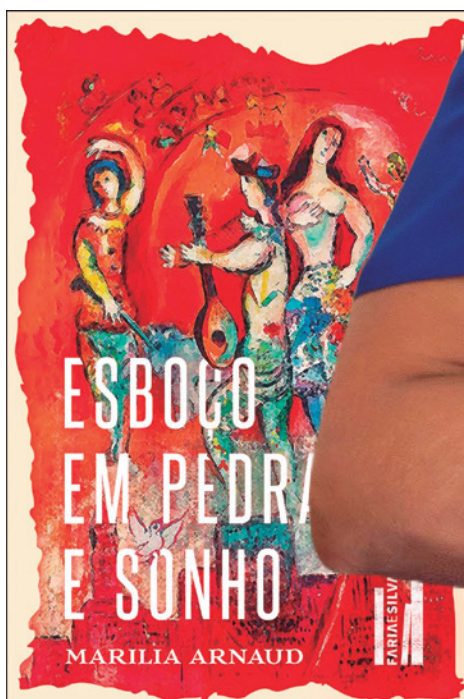
A trajetória literária de Marília, eu acompanho com atenção desde os seus primeiros livros. Seu primeiro

romance, *Suíte de silêncios*, me comoveu tanto que lhe dediquei longo ensaio com o título de *Obrigado, Marília*, ainda hoje disponível no meu blog *Imagens Amadas*.

Mas, voltemos à palavra que está na frase com que abri esta conversa: pintura. Quer nos parecer que — tematicamente falando — Marília Arnaud esteja, em seus romances, perseguindo as chamadas modalidades artísticas, uma atrás da outra. Em *Suíte de silêncios* foi a música; em *Liturgia do fim*, a literatura; em *O pássaro secreto*, o teatro; e neste *Esboço em pedra e sonho*, a pintura. Coincidência ou propósito? O futuro nos dirá.

Que o livro de Marília é pictórico, não há dúvidas. Não é só a história de uma pintora,

IMAGEM: DIVULGAÇÃO / FÁRIA E SILVA



mas de três pessoas, de alguma forma, envolvidas com as artes plásticas. Além da protagonista e narradora, Ramona de Maria Filgueiras — sua avó paterna —, que pegou em pincel, trabalhava também com isso um vivente municipal de sua Nossa Senhora das Pedras, o selvagem Tonho Mefisto.

Não seria demais dizer que a escritora paraibana escreve como se pintasse. Vejam o trecho em que a protagonista descreve o *making of* do seu quadro, *O nascimento do mundo*:

“Usei a espátula para alvejar os blocos de pedra e mosquear os lombos com um tom de rosa esfumado; o pincel, para conciliar o cinza ardósia com o *cendré* nas rachaduras e na bocarra da Pedra dos Morcegos. Acaricieei o céu com uma tonalidade amethysta aguada, e espanquei os lajeiros com rolos de água encarnearadas, numa textura pastosa cor de carne. Usei o ciano em pinceladas sinuosas nas copas folhosas das ingazeiras, e o ocre nos galhos pendentes sobre porções de águas rendadas de espuma de tons cinza esbranquiçado. No fundo achatado do leito, deitei o amarelo trigo nos retalhos de vegetação que se enredam à brancura limada de pequenos seixos.”

Já nas primeiras linhas da primeira página do livro, a menção ao pintor norte-americano Edward Hopper prepara o leitor, não apenas para a profissão da protagonista, mas, sobretudo, para a atmosfera de desolação e tristeza em que se vai mergulhar. Além disso, a narração está, naturalmente, recheada de nomes dos pintores, antigos e modernos,

estrangeiros e brasileiros, que teriam influenciado a protagonista: de Caravaggio a Tarsila do Amaral e Dali, toda uma galeria está presente, isso sem se falar nas instâncias em que elementos do cenário, ou gestos de personagens, são comparados a cenas em quadros desses pintores.

De qualquer forma, se foi propósito de Marília escrever um livro pictórico, ela não vai gostar de me ouvir dizer que esse “esboço”, além de pictórico, é também fortemente cinematográfico.

O que pode ser comprovado de várias maneiras, mas, por enquanto, fiquemos com a estruturação da narrativa: o embaralhamento dos tempos (presente, passado, futuro) é tão sistemático que eu, pessoalmente, li o livro como se estivesse acompanhando um roteiro de filme, no caso, pronto para ser rodado. Claro, com uma grande vantagem: todo roteiro de filme é, como se sabe, prosaico e maçante, ao passo que o que li nesse livro é poético e encantador. Querem ver, escutem essa descrição de um certo lugar privilegiado da história contada, o da fazenda Micaela:

“O mundo deve ter nascido na Micaela, nem mais nem menos, com o riacho. Sim, foi lá que Deus, com as mãos besuntadas de milagres, levantou as tranças das águas, arremessou-as sobre as cacundas dos lajedos e as fez marretar as goelas escancaradas dos imensos caldeirões de pedra, num estrondo de galopes e cantigas de vento.”

O livro conta a história de Ramona, uma pintora que, depois de muitos anos fora, visita sua cidade natal, Nossa Senhora das Pedras (topônimo sintomático), e é atacada por boas e más lembranças de uma vida inteira, cheia de enigmas e descobertas.

“Esboço em pedra e sonho”, novo livro de Marília Arnaud, acompanha uma pintora que visita sua cidade natal e é atacada por boas e más lembranças de uma vida inteira

Narrada em primeira pessoa verbal, a história tem um interlocutor, sempre linguisticamente presentificado nas formas verbais de segunda pessoa, mas diegeticamente ausente. Trata-se do avô, já falecido, que, após a morte de sua mãe, a adotou ainda em tenra idade. De modo que não há, no livro, termo mais assíduo que esse dolorido “tu”, se pudermos dizer: mudo e surdo.

A rigor, a cronologia da história remonta a uma época em que a protagonista ainda nem existia. Nesse tempo, por ela só entreouvido, ficamos sabendo de sua mãe, uma empregada doméstica que engravida do filho da patroa e é arremessada na rua. Essa criança que nasce sem pai é quem, adulta, vai nos contar a dura história de como foi, ainda pequena, resgatada e educada pelo avô, um senhor já maduro que lhe deu tudo o que ela não pôde receber de uma mãe falecida e um pai ignorado.

A chegada à residência do avô; o contato com as duas tias até então desconhecidas; a escola, a vida nova nessa cidade estranha; a amizade com duas crianças de sua idade que marcariam sua vida futura de modo indelével; a presença inquietante desse pintor local, figura meio selvagem, sintomaticamente apelidado com o nome do demônio, Tonho Mefisto; a descoberta de uma avó cigana, também pintora, como ela... Tudo isso são lembranças que vão e vêm no espírito saudosso e atormentado dessa Ramona, pintora que nos fala — ou melhor, fala a si mesma — da mesma forma que pinta, em esboços feitos com a dureza das pedras e a indefinição dos sonhos.

“Recordar é estar no mais íntimo da vida”, em certo momento confessa Ramona ao avô falecido. E, muitas páginas adiante, completa: “O passado é uma pintura impressionista: a impre-



FOTO: REPRODUÇÃO/METRO-GOLDWYN-MAYER

cisão onde antes havia fatos”. Acredito que, associadas, estas duas afirmações da protagonista conceituam o estilo do livro: ser a um só tempo, profundo (no termo “íntimo”) e vago (no termo “imprecisão”).

Ainda que embaralhado, o uso do tempo narrativo no romance tem uma continuidade lógica que está presa à história do país. Nascida no final dos anos 1950, Ramona — criança, adolescente e depois adulta — conviveu com os fatos políticos e sociais da época, na narração explicitados por breves e sugestivas expressões bem conhecidas do leitor brasileiro. Por exemplo: “o presidente deposto”, “o estudante morto”, “a marcha da família no Rio”, “a construção da Transamazônica” etc. Mesmo sem muita consciência das questões sociais, a jovem Ramona vai sentir na pele, por exemplo, o poder da ditadura militar, quando, sem compreender bem, testemunha a prisão, por subversão, de uma jovem do lugar, Elisa, que o avô apoia e defende. Outros marcadores do tempo que amarram a ficção ao real são as canções lembradas (por exemplo: “Disparada”, cantada pela mãe, e “Se acaso você chegasse” na radiola do avô), as revistas citadas (O

Entre os marcadores do tempo que amarram a ficção ao real se encontram filmes vistos, a exemplo de “...E o vento levou” (no caso, exibido em reprise na narrativa)

Cruzeiro, Manchete, Manequim e Burda), e os filmes vistos (...E o vento levou, no caso, exibido em reprise). A visita de Frei Damião à cidade é outro traço realista que ajudar a situar a história no tempo e também no espaço, o interior nordestino.

Enfim, concluindo, volto à frase da protagonista com que abri esta resenha, “Não consigo imaginar a vida sem pintura”. Sim, uma pergunta que pode nos ocorrer ao final da leitura de *Esboço em pedra e sonho* seria: Marília Arnaud pinta? Sem conhecer a vida particular da autora, o leitor nunca vai saber. E isso é bom, pois, na verdade, a pergunta é irrelevante: Ramona de Maria Filgueiras pinta, e com e através dela, Marília Arnaud “pinta” o seu livro.

Sim, porque palavras também pintam.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

Estilo,

tendências e características formais
identificam a estética do poeta

Hildeberto Barbosa Filho

Lúcia Maia Nóbrega

Especial para o *Correio das Artes*

O estilo sempre foi em literatura algo difícil de se definir. Abre para muitas questões. Muitos linguistas e filósofos se debruçaram sobre o assunto. O que fecunda uma escrita? De onde surgem os poemas? E como identificá-los a determinado poeta? Saussure define o estilo como “ídiolo”, o emprego *individual* dos recursos de uma língua. A linguagem nos individualiza. Sendo a forma oriunda do espírito, ela pertence ao indivíduo, nasce da “parole”. Há uma relação do corpo de quem fala (voz) e o mundo de que fala. Derrida reformula essa teoria com conceito da desconstrução afirmando que Saussure deu maior importância à representação do signo vocal que ao próprio signo. O importante seria revisar a teoria da leitura e da escrita. “A cada escrita, o texto é um tecido de signos, tramado de certa forma de modo a construir uma malha fechada”. Faz perceber que o significado desse mesmo texto se modifica conforme nova leitura

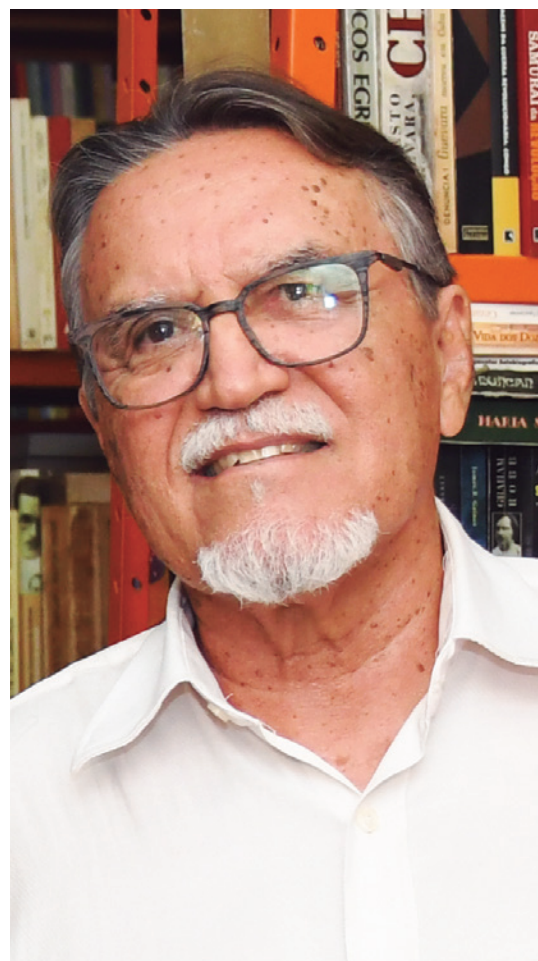


FOTO: JOÃO PEDROSA

Uma das marcas mais contundentes
do poeta Hildeberto é a sua pintura
da paisagem do Agreste

**Qual é o modo
particular de
manipular os
vocábulo e o
material linguístico
escolhido pelo
autor paraibano?**

até mesmo do próprio autor, quando relido em outro momento. Derrida nega a noção do significado imutável. “Ler é inscrever uma escritura a cada novo ato, dado a polissemia de múltiplos significantes”. Quem escreve seleciona palavras. Um modo particular de manipular os vocábulos. O material linguístico escolhido pelo autor, sua visão de mundo, sua reflexão sobre o homem e a realidade que o cerca podem definir um estilo. Como se vê, o estilo é um conceito difícil de se abranger.

A criação surge de uma energia espiritual sem que se tenha consciência do porquê desse ímpeto, desse desejo súbito. Também me pergunto se o estilo é algo que se possa escolher. Ele parece surgir das ideias, é através delas que uma forma se apresenta.

Cocteau nos dá outros argumentos que podem nos esclarecer melhor a questão do estilo: “Na obra do escritor, a linha prima pelo conteúdo e pela forma. Ela decorre das palavras que ele reúne. Por linha compreendo a permanência da personalidade. Ela é o estilo da alma de alguma maneira. Se um pintor desenha uma cruz numa folha, eu saberia lhe dizer quem a fez. A linha é reveladora. Ela acompanha seus atos e os costura. Minha linha é feita de choques e de riscos. O rosto da escrita é o meu verdadeiro rosto. O outro é uma sombra que se apaga. Depressa construí meus traços de tinta para substituir aqueles que se vão”. Mais adiante explicita: “Além do significado das palavras, elas gozam de uma virtude mágica do poder de encantar, de uma faculdade hipnótica, de um fluido que atua fora do sentido que elas possuem.

FOTO: PHILIPPE HALSMAN/REPRODUÇÃO



Poeta, romancista, cineasta, designer, ator e dramaturgo francês Jean Cocteau (1889-1963)

Mas esse fluido só atua quando agrupamos as palavras e ele para de atuar se o grupo formado for apenas verbal.

O ato de escrever, portanto, se acha ligado às exigências de intrigar, expressar, enfeitiçar. Feitiço que ninguém nos ensina, já que é algo que nos pertence, sendo importante que a cadeia das palavras se pareça conosco para poder agir. As palavras nos substituem e devem suprir a ausência dos nossos olhares, dos nossos gestos, do nosso caminhar. Entre os poetas, o papel das palavras é mais vivo que na prosa. As palavras se implantam na memória não pelo que dizem, mas pela maneira de dizer. Falo de uma arquitetura das palavras que possua singularidade e vigor. A poesia mais do que a prosa deve se submeter ao feitiço das palavras”.

Estilo seria uma voz original, que surge do âmago, pertence aos impulsos da alma. Pessoal e único, por isso solidão, angústia. O homem é exílio. Como diz o poeta Hildeberto: “Idioma nenhum aproxima as criaturas.” Se o estilo pertence aos impulsos da alma, quando o poeta faz versos como: “Hoje, gosta-

ria de pesquisar a filologia da alma, seus verbos desassossegados, sua matriz substantiva”. Não estaria ele navegando no solo do seu próprio estilo?

“Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. Wittgenstein.

O que a expressão poética de Hildeberto Barbosa narra com pontualidade e certa frequência é o uso de certas palavras. Seu leitor transita pelos sentidos do toque, do olhar, do ouvido, dos sabores, do olfato. Do mundo físico e sensorial para o mundo da mente. Acrescenta a essa configuração de corpo e alma reflexões sobre o ser humano. Há sempre a busca pelo sentido da existência. “Existir é a nossa única prova”. “Há tanta coisa antes do verbo, tanta palavra a ser inventada”. “Para viver só basta a água”. Seu vocabulário evidencia particularidades do seu eu poético: pedra, luz, vida, morte, mulher, a temática do silêncio, dançar

com facas, alguidar, vértebras.

Uma de suas marcas mais contundentes é a sua pintura da paisagem do Agreste. O poeta dá voz ao solo, às pedras, aos cactos, à vegetação e faz desses elementos criaturas vivas, personagens com sentido. Converte e integra sistemas significantes, enfatizando a propriedade de cada coisa, fazendo ecoar novos significados em sua relação com o universo. Como linguagem e pensamento andam juntos, o autor transfere uma paisagem transfigurada para a esfera de uma *nova percepção*. Cocteau diz que Chirico nos mostra a realidade *deslocando-a*. De certa forma é o que faz Hildeberto quando transmuta o Agreste com sua flora e fauna, um mundo inanimado, para o mundo do sensível.

O poeta é um leitor pantagruélico, possui a bulimia da leitura e dos livros enquanto objetos. “Sua obstinada reflexão sobre o ato de criar e o questionamento sobre as relações entre literatura e o estar no mundo”, também é uma de suas marcas, como bem observou Chico Viana, na sua bela apresentação do livro de poemas *No fim de todas as coisas*.

Poeta apaixonado, irônico diante do amor. Mas, o que parece habitar o poeta nos poemas mais recentes é o tema da finitude: “imagino o final como um ponto de interrogação, / uma mensagem do abismo, / um osso duro de roer. Que fazer se o final é o fim? / Diz T.S. Eliot que o fim é o começo, / que o começo é o fim. / De minha parte, afirmo: Existe beleza no fim de todas as coisas.”

“Quem faz versos vai e vem na corda bamba da vida. / Também atravessa solitário e meditativo, / o deserto do papel /



Coletânea poética ‘No fim de todas as coisas’, lançada neste ano para celebrar os 70 anos do escritor

IMAGEM: DIVULGAÇÃO/IDEIA EDITORA

**Poesia, para mim,
é só palavra.
É espaço em
branco. Poesia
para mim é só
linguagem. Para
mim, dizer nada é
dizer tudo.**

Hildeberto Barbosa Filho

sujeito às miragens da experiência estética.”

Procurei observar na sua linguagem a assiduidade de certos vocábulos, a semântica do seu vocabulário, sua temática, que tópicos mereceu a visita do poeta, a pujança da sua expressão poética. Essa energia visceral que o acomete em versos como estes:

“Só há um porto/para as minhas agonias. /O sal das palavras, /o país do poema, /seus mitos, /seus acidentes, / toda essa geografia sem mapas, /sem limites.”

Retirado do poema: *Exílio*.

Há no poeta uma busca do essencial, como se a vida besta do cotidiano de todos nós o entediase mortalmente: “Que faço para aliviar o absurdo que me cerca?”.

O poeta brinca com a artesanaria de certos poetas e zomba do poema experimental:

“Se inverter o parêntese, se começar com vírgula, se puser os dois pontos como um sinal de semântica/alquimia”.

“Poesia, para mim, é só palavra. É espaço em branco. Poesia para mim é só linguagem. Para mim, dizer nada é dizer tudo. Poesia é só silêncio. Lugar onde a palavra cala”, diz o poeta.

Como se quisesse converter o poema apenas em sua energia vital, nos versos que instalam o silêncio, onde suas pausas estão repletas de sentido. É o silêncio que deve falar. Talvez porque no silêncio esteja a lira do poeta.

Maria Lúcia Maia da Nóbrega é natural de João Pessoa, radicada no Rio de Janeiro, formada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trabalhou e aposentou-se pela Editora da UERJ. Realizou traduções do francês para revistas acadêmicas e para os ‘Cadernos do Centro Celso Furtado’.

Dois grandes

contadores de história

Hugo Almeida

Especial para o *Correio das Artes*

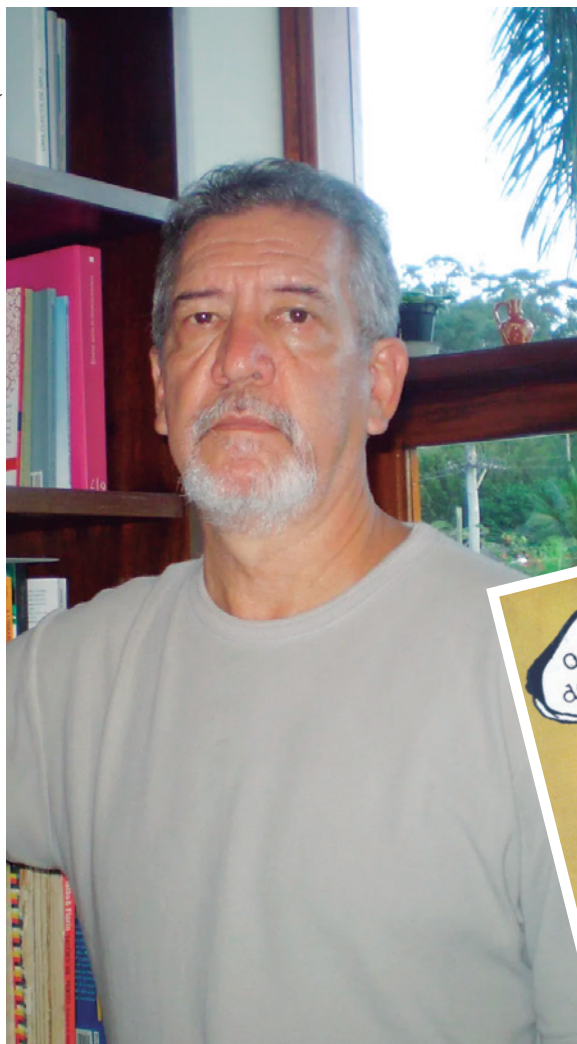
Professor aposentado pela Universidade de São Paulo (USP), com temporadas em universidades dos Estados Unidos e de Portugal, o romancista, poeta e crítico literário Álvaro Cardoso Gomes (1944), natural de Batatais e radicado em São Paulo, talvez seja o mais eclético e produtivo escritor brasileiro. Autor do *best-seller* juvenil *A hora do amor* (1986), tem quase 100 livros publicados, a maioria infantojuvenis, alguns vencedores do Prêmio Jabuti, e acaba de lançar o deli-

cioso, emocionante, comovente e às vezes divertido *O contador de histórias* (FTD, 2024).

Trata-se de uma cativante biografia romanceada do escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894), de *A ilha do tesouro* (1883), narrado em primeira pessoa pelo enteado pré-adolescente Lloyd Osbourne, que o chamava de tio Luly, mas o amava como se fosse o verdadeiro pai, seu “pai espiritual”. Álvaro escreve, sobretudo, acerca da gênese do célebre livro, a vida de Stevenson desde o nascimento, a infância e a juventude e depois a vida alegre e feliz com a escritora norte-americana Fanny Osbourne e seus filhos. “[tio Luly] beijando mamãe, murmurava, cheio de encantamento: Ah! Isso é que é vida”, escreve o garoto. Claro, a história inclui outras páginas comoventes, com as da morte de Stevenson aos 44 anos e as últimas palavras dele, gravadas no túmulo.

É admirável a maneira cheia de vivacidade com que o escritor paulista conta, sob o ponto de vista do menino, a história do fascinante e tão humano Stevenson. Lloyd ouve da “avó” Maggie, que o acolhe com irrestrito amor, como foram penosas a infância e a juventude do futuro escritor, que nasceu com sérios problemas pulmonares, a convivência com a amalacônica, severa e afetuosa, que, “aos poucos, com paciência e um carinho rude, foi conquistando as graças daquela criança sempre doente”, mas lhe contava histórias assustadoras de fantasmas e demônios, e suas divergências com o pai

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Escritor paulista Álvaro Cardoso Gomes tem quase 100 livros publicados, a maioria infantojuvenis, a exemplo de 'O Contador de Histórias'



engenheiro de faróis.

Álvaro Cardoso Gomes recria diálogos naturais, boas e alegres horas da família e outras de apreensão, como os momentos dramáticos vividos por Fanny para conseguir o divórcio do marido norte-americano toco, frio, de “vida errante”, mulhereengo, pai e marido omisso, tudo como se o escritor tivesse presenciado as cenas, um filme projetado nas páginas do livro. Notável também, entre tantas passagens, a recriação ou simulação da busca do tesouro numa ilha ao lado do garoto e da irmã, Isobel, uma aventura e tanto, e o diálogo deles com o escritor a respeito de trechos de *A ilha do tesouro*, que Stevenson estava escrevendo e lia, empolgando a mulher e os filhos, que também davam palpites. Além de outro grande livro de Stevenson, *O médico e o monstro*. Preciosas páginas de lições úteis de literatura para jovens candidatos à carreira literária.

O volume traz substancioso prefácio de Sandra Guardini Vasconcelos, professora titular de Literatura Inglesa na USP, capa e ricas ilustrações de Alexandre Camanho, e um bem-elaborado suplemento de leitura. *O contador de histórias* integra a

Coleção Meu Amigo Escritor, organizada por Gomes, que já publicou narrativas na mesma linha sobre Fernando Pessoa, Camões, Machado de Assis, Mário de Andrade etc. Sandra Guardini lembra que Stevenson deixava a fantasia fluir com liberdade e explorava “as sensações de perigo e medo” em suas histórias, nas quais lançava mão do maravilhoso e do extraordinário, sem deixar de lado a “densidade de observação”.

Tudo isso se lê também no trabalho de Álvaro Cardoso Gomes, que incorpora ao livro trechos de *A ilha do tesouro* e de *O médico e o monstro*. No posfácio de seu enciclopédico romance *Os rios inumeráveis* (Topbooks, 1977), “somatório ou fragmentos de romances que gostaria de ter escrito”, Gomes afirma ainda: “Glosando Pessoa, diria que todo escritor é, no final das contas, um glosador, em vista do fato de que neste mundo de ilusões nada há de novo sob o sol”. O encontro de Gomes e Stevenson, dois exímios contadores de histórias, encanta leitores de qualquer idade.

**Na mesma linha,
Gomes publicou
narrativas sobre
Fernando Pessoa,
Luís de Camões,
Machado de
Assis e Mário de
Andrade**

**Nova obra é
uma biografia
romanceada
do escritor
escocês Robert L.
Stevenson, autor
do clássico
'A ilha do tesouro'**

Hugo Almeida é jornalista e escritor mineiro, residente em São Paulo, doutor em Literatura Brasileira pela USP, autor de 15 livros, entre eles o romance 'Vale das ameixas' (Editora Sinete, 2024).

Por uma Palestina livre e soberana

Eduardo Augusto

Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Abdel Rahman Abu Hwas é um palestino que vive há mais de cinco décadas no Brasil

O conflito entre Israel e a Palestina é uma das questões mais complexas do cenário internacional na atualidade, marcado por ciclos de violência, resistência e tentativas frustradas de paz. Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, o povo palestino tem enfrentado o que muitos chamam de “limpeza étnica”, com a ocupação militar e a colonização de suas terras. A expulsão de centenas de milhares de palestinos durante a *nakba* (“catástrofe”, em árabe) é frequentemente mencionada como o marco inicial de uma série de ações violentas. O direito garantido de retorno de milhões de refugiados nunca foi concretizado.

A ocupação da Cisjordânia e o bloqueio de Gaza são exemplos visíveis da violência estrutural – e desproporcional – que o Estado de Israel exerce contra os palestinos. E a expansão de colônias israelenses ilegais (segundo as leis internacionais) é uma das principais fontes de tensão: há postos de controle, muros e barreiras que fragmentam o território e dificultam o acesso a serviços básicos, como a saúde e a educação. A Organização das Nações Unidas (ONU), a Anistia Internacional e a Human Rights Watch têm alertado para a perpetuação de um sistema de *apartheid* contra os palestinos.

As vozes que clamam por justiça, paz e igualdade continuam a exigir que o Estado de Israel e a comunidade internacional reconheçam a dignidade



FOTO: REPRODUÇÃO/MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS EUA

Família de judeus refugiados de Skopje, Macedônia, com uma família albanesa que os acolheu em 1943, em Tirana, Albânia

e os direitos do povo oprimido. Conversamos com Abdel Rahman Abu Hwas, palestino que vive há mais de cinco décadas no Brasil, mais especificamente, no Rio Grande do Sul. A entrevista, intermediada por Zeca Mendonça, ativista pró-Palestina, foi realizada em maio, mês em que o estado gaúcho sofreu com a maior tragédia climática de sua história.

“A gente viu um idoso de quase 80 anos. Ele apontava para a sua casa, que tinha sido dos seus pais, totalmente demolida. O que fazer? Como é que vai ficar toda essa coisa? E ele, chorando? A gente também, humano, não conseguiu resistir. Choramos com ele”, relatou, sobre as enchentes. Resistência aqui, resistência lá. O depoimento de Abdel remonta as dores e as esperanças de um povo. Não há perguntas, existe apenas um desabafo de toda uma nação. Viva ao povo forte da Palestina!

“A terra tinha um dono”

Eu sou Abdel Rahman Abu Hwas, imigrante de primeira geração. Faço parte do Conse-

lho Nacional Palestino. Morei em várias cidades no sul do país, mas devo ter passado por uns 20, 30 lugares antes. Tanto que me aconteceu várias vezes de estar dormindo, e ao acordar, levar uns minutos para saber onde estava, se na Europa, no Líbano, na Jordânia, na Palestina, na minha aldeia, ou numa cidade maior de lá.

Eu tenho uma militância constante desde a minha juventude, quando ingressei na universidade, na Europa. Na época, encontrei várias centenas de estudantes palestinos e nós começamos a conviver intensamente com a causa, com a experiência dos outros povos e com outras revoluções, como a Guerra do Vietnã, a experiência da Argélia, a Revolução Bolchevista, a Guerra do Iraque etc.

O povo palestino está pagando o preço pela perseguição da Europa aos judeus, que não aconteceu apenas no Holocausto: teve início muito antes, com os *pogroms* (perseguição a grupo étnico) na Rússia e em todo continente, especialmente na Espanha, antes da chegada dos muçulmanos (em 711 da era cristã). São 800 anos

de Estado Islâmico na Espanha e em Portugal, a famosa Andaluzia. O Holocausto culminou no auge da perseguição aos judeus na Europa, todavia os palestinos também foram vítimas a posteriori, porque toda a Europa Ocidental abençoou e ajudou a executar o plano dos sionistas.

Muitos outros que confessam outras religiões, como o cristianismo, se juntaram a esse movimento que visava, em primeiro lugar e com destaque, organizar as comunidades judaicas de toda a Europa e fazê-las rumarem para a Palestina, alegando que essa estava desabitada. “Uma terra sem povo para um povo sem terra”. Mas a terra tinha um dono, o povo palestino, que foi expulso para possibilitar a fundação de um estado puramente judeu. A expulsão não foi só “pedir para as pessoas saírem”: ela foi feita com muitos massacres, para aterrorizar e para forçar a nossa migração.

“Independência de quem?”

A primeira diáspora ocorreu na Palestina de 1948. Israel foi fundado em cima de escombros das casas do povo palestino, em cima dos cadáveres da nossa população. Quem melhor documentou isso foi o grande professor historiador judeu Illan Pappé no seu livro *A Limpeza Étnica na Palestina*. Sionistas do mundo inteiro comemoram, em maio, a independência do Estado de Israel. Independência de quem? Que força imperialista estava, supostamente, colonizando esse território?

Em 1948, aquele estado surgiu em cooperação com a Organização das Nações Unidas (ONU), que adotou a Resolução 181, determinando que metade da Palestina deveria se tornar um estado judeu. Mas ainda naquele ano, Israel avançou suas tropas. Inicialmente, eram 150 mil judeus contra 750 mil palestinos, que foram expulsos das suas casas. Eu morava na parte que não foi ocupada até 1967, na Guerra dos Seis Dias. Aí, então, se concretiza a ocupação total do que restou da Palestina, na Cisjordânia, em uma parte no litoral do Mediterrâneo. Já imaginaram, uma área de 360 quilômetros quadrados? Praticamente uma fazenda, o lar do povo de Gaza – mais de dois milhões de palestinos, assistindo, ao vivo, esse genocídio.

A Autoridade Palestina (representante da Organização de Libertação Palestina – OLP) é uma forma de autogoverno, apesar de ter o presidente Mahmoud Abbas, ministérios e cerca de 130 embaixadores no mundo. Mas é só para mostrar aos outros países que existe o



FOTO: F. J. MUSTAKLEM/REPRODUÇÃO

Professor e historiador judeu
Illan Pappé, autor do livro
‘A Limpeza Étnica na Palestina’

estado palestino. Estado de mentira, a serviço da ocupação. Na realidade, ele não tem nenhum tipo de autoridade, oferta serviços administrativos de saúde, educação, impostos, justiça e segurança, mas não protege os três milhões de palestinos que lá vivem.

E quem ganha no Parlamento? Mais de 70% das cadeiras dos cargos do Conselho Legislativo Palestino – nas duas partes, Cisjordânia e Gaza – foram do movimento Hamas, então, esse não é um movimento novo. Ele surgiu na primeira intifada (resistência), em 1987 até 1993. De lá para cá, ele só ganhou força e cada vez mais apoio do povo palestino e das forças pró-resistência nos mundos árabe e islâmico. Para os palestinos e para os árabes, o Hamas é um movimento de

resistência palestina.

Eu sou suspeito, porque pode-se julgar que eu vou favorecer o meu povo na narrativa dos palestinos. Mas deixe, então, um judeu falar disso: Shlomo Sand, professor de História na Universidade de Tel Aviv. Ele escreveu dois livros: *A invenção do Povo Judeu* e *A invenção da Terra de Israel*. Essa terra nunca foi exclusiva de Israel e esse povo não é um povo, é o conjunto de pessoas que confessam uma religião, como os muçulmanos; eles não são um povo, assim como os cristãos não são um povo, porque vêm de várias etnias, de várias raças.

“Metade vive na diáspora”

Desde 2005, as tropas israelenses se retiraram de dentro das aldeias das cidades dos municípios e dos assentamentos da Faixa de Gaza, que não tem conexão territorial com a Cisjordânia. A partir daquele ano a região ficou sob o estado de sítio, cercada com embargo: nada entra, nada sai. Tudo é fiscalizado pelo Estado de Israel, ar, terra e mar. Gaza é a maior cadeia ao ar livre, atacada com tanques, artilharia, foguetes, aviões e toda a parafernália de sofisticação militar e tecnológica americana disponibilizada pelos Estados Unidos e pelos seus aliados ocidentais.

O genocídio que estamos observando hoje não acontece pela primeira vez. Em 2008, houve ataques maciços contra nossas casas, na região: milhares de vítimas, dezenas de milhares de feridos. Investidas parecidas ocorreram em 2012, 2014, 2021 e 2023. Em outubro do ano passado, vivemos a quinta campanha militar maciça contra a Faixa de Gaza

– a mais brutal contra o povo palestino. Nessa última, ainda houve o ataque do Hamas, em represália ao estado de sítio do povo palestino.

Vale lembrar que dos mais de milhões de habitantes de Gaza, 1,5 milhão são refugiados. Isso quer dizer o quê? Que desde 1948, palestinos foram expulsos de seus lares e se dirigiram a Gaza, que faz parte ainda da Palestina; é como sair de Porto Alegre e ir morar em Santa Catarina. Saíram do litoral e foram para Gaza, com as chaves nas mãos, como símbolo do retorno dos refugiados palestinos, na esperança de mais tarde retornar às suas casas.

O povo palestino tem sete milhões de pessoas: parte ainda está na Palestina histórica, outra na Cisjordânia e uma terceira na Faixa de Gaza. Mas essa é a metade do povo palestino. E a outra metade, onde vive? Na diáspora. Quatro milhões deles estão na Jordânia, que faz a nossa maior fronteira, com 370 quilômetros. Então, é o lugar para onde a maior parte dos refugiados, seja em 48 ou em 67, buscou abrigo e está lá.

Há um departamento da ONU, que surgiu em 1948 e que até hoje está atuando: ele declara que atende a seis milhões de refugiados palestinos. Na Síria, temos outro meio milhão; no Líbano, a mesma quantidade. No Brasil, nós calculamos que temos 30 mil de palestinos ou descendentes de palestinos. Considerando a América Latina, a maior comunidade palestina se encontra no Chile, em torno de meio milhão. Temos presença marcante também na Colômbia, Venezuela, Panamá, Honduras e Guatemala. O pai do atual presidente do país El Salvador é um imigrante palestino.

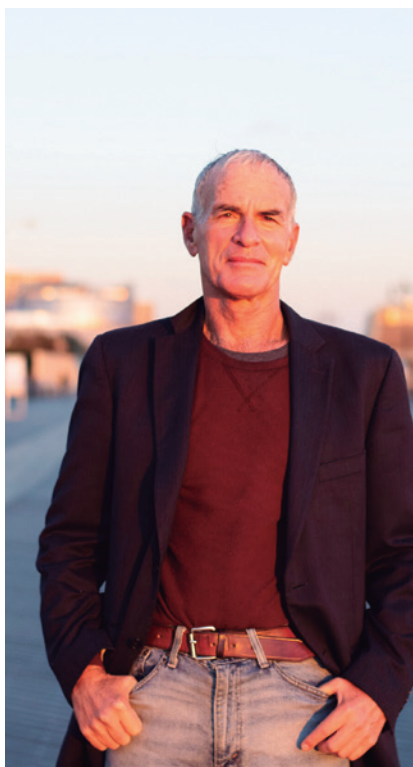


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Professor Norman Finkelstein:
os avós foram vítimas do
Holocausto, em Auschwitz

“Mas onde mora esse Deus?”

O que aconselhamos para as próximas gerações é mantermos viva a chama da revolução e da resistência; a bandeira da luta tem de passar de mão em mão, para conquistarmos o nosso direito à liberdade. Cadê os direitos humanos? Primeiro, o direito mais básico é o direito à vida, que os palestinos não têm. Nós não temos direito a votar, a não ser em candidatos ao parlamento israelense. E como se não bastasse isso, ergueram um muro de 800 km, mantendo a Faixa de Gaza sitiada. Há um milhão de colonos judeus que estão no meio de três milhões de palestinos que vivem na Cisjordânia.

Nós queremos derrubar esse regime de discriminação, de limpeza étnica, instalado na nossa Palestina e voltar a ter um país democrático, laico, onde posam viver todos que estão lá, independentemente de cor, de raça ou de religião. Na África do Sul, a luta acabou desmantelando o sistema, o governo, o projeto político que estava instalado no país, como um regime de *apartheid*, de discriminação – uma minoria, pequeníssima, branca, que mandava em outros milhões, a grande maioria de negros africanos. Então, por comparação, a ideia é essa.

Nós somos sempre atacados pelos que reclamam: “Essa é a Terra Prometida que Deus nos deu”. Sobre essa história de “Terra Prometida”, quem melhor respondeu foi um grande professor judeu, Norman Finkelstein, cujos avós foram vítimas do Holocausto, em Auschwitz: Se eu bater à sua porta com o Livro Sagrado numa mão e uma grande metralhadora na outra e lhe dizer “Essa casa, segundo a minha Bíblia, era dos meus antepassados dois mil anos atrás”, o que você faria? Arrumava suas malas e se mandava?

Onde mora esse Deus, que prometeu me tirar da minha casa para dar lugar a outra pessoa, dois mil anos depois? Parece brincadeira, não é? Na Palestina histórica, está a metade do povo, como acabei de citar – os sete milhões; outros sete milhões vivem na diáspora à espera de poder retornar à sua pátria. E se a identidade perdida se recuperar? A Palestina retorna ao seu lugar no mapa mundial.

Eduardo Augusto é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

Um coração simples

(Carta de aniversário para mamãe, em seus 90 anos)

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*

"Meu quintal é maior do que o mundo."
(Manoel de Barros)

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia".
(Alberto Caeiro)



Livro mais importante na estante da organizadora Genilda Azerêdo, coletânea é uma homenagem a sua mãe, a Dona Tezinha do título

Quando eu era criança e morava em Pi-lõezinhos, não tínhamos livros em casa, e a cidade, que não tinha livraria, até hoje continua sem uma. E, talvez, por eu não ter livros, gostasse tanto dos meus didáticos.

Adulta e já trabalhando, quando recebi meu primeiro salário (dava aulas em uma escola de línguas), comprei dois livros: as antologias poéticas de Drummond e Bandeira. Aos poucos, eu fui comprando outros livros – de início, poucos; de modo gradativo, foram ficando muitos livros. Uma vez, lá em casa, a senhora, mamãe, me perguntou: “Genilda, você já leu todos esses livros?” Eu respondi que não, que seria impossível, mas que era importante eu ter aqueles livros, porque sempre que pudesse e quisesse ler, ou mesmo consultar (livros acadêmicos), eles estariam ali, guardados e agasalhados como um tesouro.

Embora tendo muitos livros, faltava um livro nas minhas estantes: este livro – *Dona Tezinha*. O livro mais importante da minha coleção de livros. Porque esse é o livro da

**Obra é impregnada
de memória,
singeleza e
sentimento: cada
texto e cada
experiência faz
suscitar outros
universos**

minha aldeia. E, por isso, é mais belo que todos os outros livros do mundo.

Que livro traz uma carta sua, mamãe, escrita de próprio punho, contando sobre as notícias da família? Se alguém precisar de uma evidência para comprovar o seu olhar atencioso e detalhado sobre o cotidiano, basta ler essa carta. Com tão pouco estudo formal, vemos, em sua carta, como a senhora sabe reconhecer a importância dos estudos de Vanildo, dando forças a ele em sua pesquisa; e, ainda, fazendo referência às tentativas acadêmicas de Gerson. A carta demonstra como a senhora concatena as ideias de modo claro e afetuoso, relacionando e acentuando as novidades da casa, dos filhos e até dos vizinhos.

Há outras razões: esse é o livro que fala de Pilõezinhos, da nossa casa, do nosso quintal; que fala de cacimba, de cacimbão, de “Mãe Mecê”, de madrinha Zezita e padrinho Chiquinho. É um livro que fala de crianças que iam buscar água no Cajá, equilibrando um pote ou uma panela na cabeça; que fala da sala VIP – em um tempo quando a sala VIP não era tão VIP assim; que fala das roupinhas que a senhora costurava para gente. É um livro que traz a sensibilidade de Luan, com seus versos de cordel tão bonitos; e que também nos presenteia com os lindos desenhos de Manoela, Júlia, Maria e Celinha. Esse é um livro que fala das dores e das alegrias das minhas irmãs e dos meus irmãos; que fala de nossas lutas e de nossas conquistas.

Ao ler esses relatos e depoimentos, as tantas declarações de amor à senhora, mamãe, quase chego a ouvir os choros da gente criança, nossos risos e as mui-



Retrato da família reunida em virtude do aniversário de 90 anos da matriarca, celebrado neste ano, em Pilõezinhos, no Brejo paraibano

tas gargalhadas que habitaram nossa casa, ao longo dos anos. Chego a sentir, vindo de nossa infância, o cheiro do cuscuz, do café, da galinha de capoeira e do feijão verde (com coentro), que a gente própria debulhava em grupo. Chego a saborear o gosto do pirão de carne verde (naquela época não se usava a expressão carne vermelha), com legumes – uma tradição em nossa casa. Chego a visualizar os bolinhos de feijão verde que a senhora fazia para gente. Chego a sentir, de novo, nossa alegria durante o São João, quando a fartura dos fogos e das comidas de milho transformava nossos dias em pura festa e delicioso banquete.

Chego a rever papai chegando da tenda com suas mãos sujas de pólvora – como ele demorava lavando aquelas mãos! E sempre salpicando água na gente.

Esse livro é impregnado de memória, singeleza e sentimento: cada texto, cada experiência, faz suscitar universos outros, afetos sem-fim... É como se os textos se complementassem e

criassem diferentes prismas de um mesmo objeto.

Esse livro, ao celebrar a senhora e a família que a senhora construiu, pretende ressaltar sua autoridade e força, sua sabedoria, sua generosidade e bondade, e se oferece também como um testemunho de vida – na verdade, um testemunho de fragmentos de nossas vidas – de sua vida, mamãe; da vida dos 13 filhos; da vida dos 25 netos e dos seis bisnetos.

Esses 90 anos da senhora, mamãe, e toda a parte que nos cabe, de convivência e aprendizado amorosos com a senhora, refletem sua esperança e resiliência, e atestam que a senhora, sendo um coração tão simples, parece transcender os limites do humano.

Feliz aniversário, mamãe!
Com amor,
Genilda.

Genilda Azerêdo é professora titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisadora bolsista do CNPq. Escreve sobre literatura e cinema. Mora em João Pessoa (PB).



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com



De volta à cidade

Quem não tem uma cidade na memória? Uma história, uma geografia onde se cultivam os afetos, as lembranças e o imaginário? Somos os nossos espaços, as nossas ruas, as nossas praças, os nossos logradouros e os nossos monumentos. Somos o nosso bairro e a casa em que vivemos. De paisagens e de tempo alimentamos o corpo da memória. Sem a memória somos nada.

Sérgio Botelho sabe isso como poucos.

Sérgio é um desses amigos que a vida nos presenteia, na sua naturalidade, entre a necessidade e o acaso, para me valer do belo título de Jacques Monod. Conheço-o desde a juventude, em meio às lutas estudantis na UFPB, em época de sufoco e repressão.

Com Washinton Rocha e Irlânio Ribeiro, ele compunha a trindade mais aguerrida e mais lúcida nos embates das agitadas assembleias. Dava gosto ouvi-los refletir e expressar os sonhos e as expectativas políticas e ideológicas de toda uma geração. Oradores de retórica segura, fundamentada e persuasiva.

Veio “a abertura”, passou o período universitário, chegaram as exigências profissionais, e cada um, solicitado

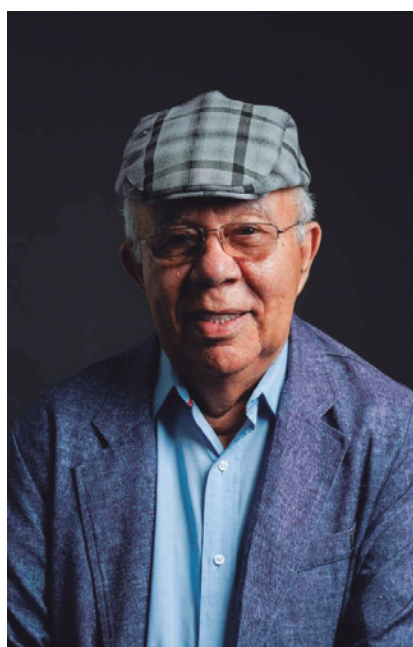


FOTO: PAULO BANDEIRA/REPRODUÇÃO

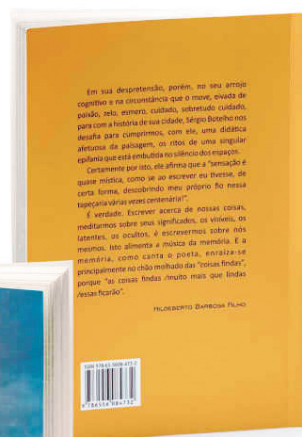
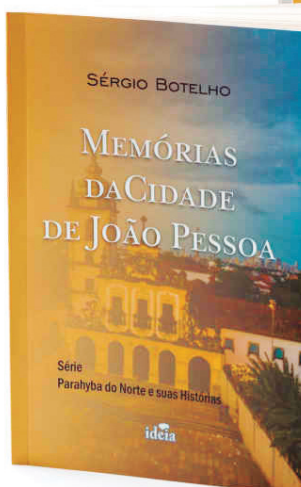
Jornalista Sérgio Botelho investiga as lembranças urbanas, não somente a partir dos dispositivos documentais e históricos, mas, sobretudo, no intento de “capturar” a sua alma

pelos imperativos práticos da vida, tomou seu rumo no enfrentamento do mundo. Viver é preciso!

Sérgio Botelho virou jornalista, atuando no rádio e em outras mídias. Depois se mandou para Brasília, lá passando um longo tempo, fazendo assessoria de comunicação no Senado. De volta à Paraíba, redescobre o rosto cicatrizado de sua cidade natal, a bela, calma e aprazível João Pessoa, e, como que atendendo ao apelo de Mallarmé, transforma esse reencontro especial em livro a que intitula *Memórias da Cidade de João Pessoa*, da série *Parahyba do Norte e suas histórias*.

Seu objetivo, nesse empreendimento intelectual e

IMAGENS: DIVULGAÇÃO/IDEIA EDITORA



Livro intitulado ‘Memórias da Cidade de João Pessoa’ (Ideia Editora) pertence à série ‘Parahyba do Norte e suas histórias’

afetivo, consiste em “investigar a memória urbana da cidade”, não somente a partir dos ecos eloquentes de seus dispositivos documentais e históricos, mas, sobretudo, no intento de “capturar” a sua alma, a sua fisionomia interior, a sua “essência quase intangível”, o seu *ethos*, por assim dizer. Toda cidade possui uma melodia interior, uma fabulação correndo, invisível, pelos alicerces de suas alamedas e avenidas.

A memória individual, associada ao esforço e à paciência dedicados à consulta das fontes, traz à tona a memória coletiva da cidade, registrada em cada recanto de sua paisagem que testemunha a passagem do tempo, com seus enredos contraditórios, seus sinais de fulgor e fastígio, suas manchas de decadência e ruína.

Não é só a materialidade dos espaços que exerce sobre o autor a sua sedução estética. Não escapa à sensibilidade de Sérgio a trama espiritual que se desenrola ao longo do tempo, por trás ou por dentro desses monumentos que respondem pela riqueza do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade.

A perspectiva histórica, que nos devolve o passado e o destino de certas instituições, de certos prédios, templos, igrejas e colégios, entre outros, junta-se o olhar do jornalista, com sua acuidade e agudeza diante do detalhe, para, com ele, este olhar específico, olhar entre crítico e poético, revermos a cidade com mais atenção e empatia.

O Colégio Nossa Senhora das Neves, a Academia Paraibana de Letras (APL), a Rádio Tabajara, a Associação Paraibana de Imprensa (API)

e a Caixa Central de Crédito Agrícola aqui aparecem, entre outras edificações, desnudadas em suas particulares narrativas, em suas “cicatrices e triunfos”, a espelhar o corpo da cidade em sua dimensão histórica, mas também no que concerne a seu patrimônio artístico, turístico e cultural.

Diria que a escrita de Sérgio Botelho, nesse primeiro volume de uma série que virá, acerca de bares, eventos e personalidades emblemáticas, parece-me pautada por certa inquietação política e pedagógica. Suas palavras não consistem apenas na expressão dos seus sentimentos de amor pela cidade que o viu nascer; consistem, também, num apelo de ordem crítica, numa rica sugestão de quem sabe o valor da cidadania ativa, e, por isso mesmo, descreve, demonstra, interpela, sugere...

Diz Sérgio, a certa altura de sua apresentação, que a “memória é frágil”. Que ela “se desvanece, se distorce, e corre o risco de ser esquecida se não for cuidadosamente cultivada e compartilhada”. E, mais adiante, destaca a relevância da preservação, chamando a atenção do leitor para o fato essencial de que a “manutenção de construções memoriais é também uma expressão de desenvolvimento sustentável”. Diria, de uma história humanística, de uma economia criativa.

Sem dúvida!

Aos textos, com ar de crônica ou de artigo ligeiro, escritos em estilo simples, claro, conciso, dentro daquilo que pede a melhor gramática jornalística, associam-se as fontes iconográficas, a robustecer, assim, a sua qualidade informativa, o seu poder sugestivo, a possibilidade reflexiva de suas ideias e argumentos.

Em sua despretensão, porém, no seu arrojo cognitivo e na circunstância que o move, eivada de paixão, zelo, esmero, cuidado, sobretudo cuidado, para com a história de sua cidade, Sérgio Botelho nos desafia para cumprirmos, com ele, uma didática afetuosíssima da paisagem, os ritos de uma singular epifania que está embutida no silêncio dos espaços.

Certamente por isso, ele afirma que a “sensação é quase mística, como se ao escrever eu tivesse, de certa forma, descobrindo meu próprio fio nessa tapeçaria várias vezes centenária!”.

É verdade. Escrever acerca de nossas coisas, meditar-mos sobre seus significados, os visíveis, os latentes e os ocultos, é escrevermos sobre nós mesmos. Isso alimenta a música da memória. E a memória, como canta o poeta, enraíza-se principalmente no chão molhado das “coisas findas”, porque “as coisas findas / muito mais que lindas / essas ficarão”.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

Carlos Alberto P. da Silva

Faróis Estelares

*Na vastidão deste Cosmos,
Emanam estrelas de tênue brilho,
Restos de gigantes, supernovas,
Do negro abissal, seus primos.*

*Estrelas de nêutrons, dizem ser,
Rodopiam velozes em seus eixos,
Disparando curtas rajadas de rádio,
Preenchendo quase todo o firmamento.*

*Mas não passam despercebidos
Aos nossos vigias parabólicos gigantes,
Que recolhem todos os dados
Desses objetos espaciais pulsantes.*

*Varrem o éter com suas ondas,
Intensas como se fossem faróis,
Numa cadência quase perfeita,
Um relógio de, agora, antigos sóis.*



Carlos Alberto P. da Silva é coordenador do Brazilian Educational Radioastronomy Group, engajado na pesquisa da radioastronomia educacional e suas interfaces com outras áreas do conhecimento, como a cultura e a arte.



**NA LIVRARIA A UNIÃO,
A LITERATURA TAMBÉM
É DIVERSÃO E IMAGINAÇÃO!**



 Livraria
A UNIÃO | Poeta
Juca Pontes

ESPAÇO CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO - BOX 13 (JOÃO PESSOA - PB)

TELEFONE: 83 99604-0011

📱 @LIVRARIAAUNIÃO



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac